



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DO SÉCULO XXI: COMO A MÍDIA (IN)FORMA  
ESSA DISCUSSÃO**

Dandara Oliveira

Rio de Janeiro - RJ  
2022

DANDARA OLIVEIRA

**RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DO SÉCULO XXI: COMO A MÍDIA (IN)FORMA  
ESSA DISCUSSÃO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borba

RIO DE JANEIRO

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

0176r      Oliveira, Dandara  
RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DO SÉCULO XXI: COMO A  
MÍDIA (IN)FORMA ESSA DISCUSSÃO / Dandara Oliveira.  
- Rio de Janeiro, 2022.  
73 f.

Orientador: Rodrigo Borba.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Literaturas, 2022.

1. Linguística Aplicada. 2. Raça. 3. Gênero. 4.  
Mídia. I. Borba, Rodrigo, orient. II. Título.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

DANDARA OLIVEIRA

DRE: 118163156

RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DO SÉCULO XXI: COMO A MÍDIA (IN)FORMA ESSA  
DISCUSSÃO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: 02 / 08 / 2022

Banca Examinadora:

Rodrigo Borba

NOTA: 10,0

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora  
Prof. + titulação + instituição a que pertence

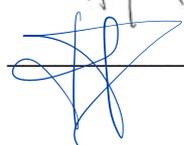
Janine Maria Mendonça Pimentel

NOTA: 10,0

Nome completo do Leitor Crítico  
Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jorge Oliveira e Dulcirene Oliveira, por sempre terem dito que estudar ia me levar longe, por sempre me incentivarem e investirem em mim. Mesmo quando eu não acreditei, vocês acreditaram. Agora, estou aqui, me formando na federal. Como cantou Emicida, “eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós, que eram sonhos dos meus ancestrais”.

Aos meus irmãos, Jéssica Oliveira e Yan Oliveira, que durante todos esses anos me ajudaram e apoiaram quando estava exausta e chorando, trouxeram muitos doces e carinho. Obrigada por vibrarem e sonharem comigo.

Aos meus avós, Natalina Cypriano e Nelson Tadeu Oliveira, que já partiram mas se fazem presentes em todos os meus passos. À minha avó, Maria Lina da Luz, por sempre comemorar todos os pequenos e grandes momentos.

Aos meus amigos. Os do colégio, que se fazem presentes até hoje e me acolhem e incentivam desde sempre, e os da faculdade, que viveram comigo os intensos anos de graduação e me proporcionaram tanta troca, tanta aprendizagem. Muitos dos nossos diálogos e discussões se encontram aqui, neste TCC.

Ao meu orientador, Rodrigo Borba, que sempre acreditou em mim, que mergulhou comigo nessa jornada que vem sendo construída desde 2019 e que me proporcionou momentos incríveis enquanto graduanda e pesquisadora. Em meio a pandemia de Covid-19, não faltou acolhimento, troca e empatia de sua parte. Isso foi necessário demais. Espero que essa parceria ainda gere muitos frutos.

Ao grupo de pesquisa do Rodrigo e ao NUDES, que possibilitou trocas fundamentais para minha formação enquanto pessoa e pesquisadora.

À Andressa Gomide, que desenvolveu e me permitiu usar o OLA, que foi e está sendo essencial para minha vida acadêmica. Obrigada pela oportunidade e por toda ajuda, por responder meus diversos questionamentos e marcar reuniões para me ajudar.

À Faculdade de Letras da UFRJ, seus professores e funcionários, por terem me ensinado tanto dentro e fora das salas de aula.

Agradeço ao feminismo negro, à militância racial, aos Direitos Humanos e à fé na educação brasileira, por me fazerem acreditar na possibilidade de um mundo mais justo e transformador, no qual educadores e pesquisadores figuram como seres amorosos, corpóreos e que dialogam saberes com a sociedade.

Ô meu corpo, faça sempre de mim *uma mulher* que questiona!

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. MÍDIA, RAÇA E GÊNERO: UM PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO.....	11
1.1 Alguns estudos sobre raça e gênero na mídia.....	11
1.2 A branquitude enquanto norma e o racismo midiático.....	18
1.3 A resistência da imprensa negra.....	20
1.4 Olhares, corpos e discursos.....	21
2. METODOLOGIA: INDISCIPLINA E CASAMENTO QUALI-QUANTITATIVO..	22
2.1 Linguística de Corpus (LC).....	25
2.2 Análise Crítica do Discurso Multimodal (ACDM).....	30
3. ANÁLISE DO CORPUS.....	35
3.1 Lista de Frequência.....	35
3.2 Colocados.....	39
4. ANÁLISE DA AMOSTRAGEM REDUZIDA.....	50
4.1. 2016: “Taís Araújo é a mulher do ano em 2016: “Mais discurso do que bunda””.....	50
4.2. 2016: “Preta Gil fala sobre discriminação por causa do seu corpo”.....	56
4.3. 2019: “Grada Kilomba: a luta contra o racismo e o colonialismo que se debruça sobre suas obras”.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

## INTRODUÇÃO

A globalização e a eclosão dos debates sobre movimentos sociais trouxeram à tona muitas questões que acabaram se tornando cotidianas e que ditam a forma como nos comunicamos e agimos. Um exemplo é a Primavera das Mulheres, que ocorreu no Brasil, em 2015, e representou um momento em que a luta por direitos e reivindicações feministas tomou as ruas. Muitas dessas manifestações, vale ressaltar, aconteceram por meios como o Whatsapp ou o Facebook, o que atesta que sites, páginas, blogs e redes sociais são agora parte essencial da organização de movimentos sociais e da difusão de demandas políticas e sociopolíticas e culturais (DUTRA, 2018).

O assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018, também teve um efeito local importante, com diversas questões acerca de raça e gênero sendo apontadas pelas grandes mídias depois do ocorrido, ganhando espaço de reflexão no dia-a-dia. Em 2020, por sua vez, o assassinato brutal de George Floyd por um policial branco fez com que o movimento Black Lives Matter ganhasse um aumento considerável de destaque mundial, tornando-se um tema recorrente na mídia e nas redes sociais (SANTOS e MORAES, 2020). O que esses acontecimentos nos mostram é o quanto as discussões sobre raça são urgentes para que a segurança da população seja garantida, uma vez que vivemos em um mundo onde o genocídio dessa parcela da sociedade foi e é legitimado.

Em grande medida, os eventos acima mencionados agiram como disparadores para que raça, gênero e classe ganhassem centralidade no panorama sócio-político contemporâneo. Contudo, diversas pensadoras, muitas das quais filiadas ao Feminismo Negro, já sinalizam há décadas a necessidade de pensar esses três tópicos como elementos indissociáveis para o entendimento da sociedade e das relações de poder. Apesar da relutância mundial em ouvir o que essas teóricas e militantes apontaram e ainda apontam, não é exagero dizer que, nos últimos anos, os debates sobre tais conceitos vêm crescendo exponencialmente.

Informações sobre o feminismo começam a circular com mais vigor na realidade brasileira, o que é significativo para a contemporaneidade – entretanto, é fundamental pontuar que estamos frente a um movimento cheio de cisões internas, as quais são oriundas de questões acerca de raça e classe. Para que se entenda de fato o contexto em que estamos inseridos, urge lembrar que nosso país acredita fortemente no “mito da democracia racial”: sempre é dito que racismo aqui não existe, pois racistas são os outros, como os americanos (MUNANGA, 2010). No entanto, é sabido que estamos frente a uma falácia, visto que aqui também o racismo se manifesta estrutural, institucional e cotidianamente.

Conforme a justaposição entre raça e gênero é pensada, fica evidente que mulheres negras possuem mais desvantagens do que homens negros diante da sociedade, posto que, a partir da análise de alguns indicadores sociais, é indiscutível que tal grupo é oprimido pelo machismo, pelo racismo e pelo classismo. A pensadora Lélia Gonzalez, ao declarar, no fim dos anos 70, que “na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo) [...]” (GONZALEZ, 2020a, p.56), foi uma das primeiras a atestar tal realidade. Com isso, é indubitável que existe uma dificuldade de ouvir as demandas dessas mulheres dentro dos movimentos negros, que muitas vezes estão focados apenas na raça, sem pensar o gênero, e dos movimentos feministas, os quais frequentemente se debruçam sobre gênero sem pensar na raça.

Ao olhar especificamente para o movimento que está comprometido com a emancipação das mulheres, Sueli Carneiro (2020) atestou que, no século XX, ainda era possível caracterizá-lo como um campo de batalhas, cheio de ressentimentos e contradições provenientes de uma herança colonial que hierarquizava mulheres a partir do colorismo – reiterando a ideia de “preta para trabalhar, branca pra casar e mulata para fornicar”. Não há dúvidas que o privilégio branco fragmentou a organização política do feminismo, uma vez que está atrelado às problemáticas de classe: mulheres brancas de classe alta dominam e exploram outras (HOOKS, 2020), sendo, então, aliadas do patriarcalismo. Enquanto as brancas reivindicavam o direito de adentrar o mercado de trabalho, poucas mulheres negras conseguiram escapar do campo, da cozinha ou da lavanderia (DAVIS, 2016), locais onde trabalhavam para essas mesmas brancas abastadas.

No começo do século XXI, a imbricação entre raça, classe e gênero também está aparente quando analisamos o fato de o Movimento Feminista ter sido cooptado pelo capitalismo e pela mídia de massa, tornando-se um produto a ser consumido. Em revistas femininas, por exemplo, eram inúmeros os artigos que falavam sobre liberdade e sobre a necessidade de as mulheres ganharem dinheiro. Contudo, não se pode esquecer que os ganhos individuais raramente promovem mudanças contundentes para a realidade coletiva. Além disso, para que o capitalismo prospere é necessário que exista uma desigualdade na distribuição de renda e tanto o racismo quanto o sexismo ajudam a manter esse sistema, visto que justificam salários mais baixos para pessoas negras e mulheres. Assim, o ganho econômico das brancas e ricas era promovido como algo a ser comemorado, mas, na realidade, esse lucro foi conquistado através da subordinação das mulheres pobres, apenas

tornando ricos mais ricos e pobres mais pobres, sem promover nenhuma mudança estrutural (HOOKS, 2020).

Notamos, então, que os meios de comunicação social tendiam a difundir uma visão errônea do movimento, fazendo com que as únicas questões ouvidas fossem as levantadas por aquelas que possuíam o privilégio de classe (que no Brasil também se traduz no privilégio da branquitude). Apenas as demandas que poderiam ser utilizadas pelo capitalismo eram destacadas, distorcidas e defendidas pela mídia de massa. Ou seja, questões como aborto, direitos reprodutivos, abolição de gênero, privilégios de classe etc., eram marginalizadas a tal ponto que parecia que não eram bandeiras defendidas pelo movimento em si, mas por mulheres estereotipadas como sujas, mal-amadas, *feminazis*. Por isso, como disse bell hooks (2020, p.63), “[n]ão seremos livres até que as feministas retornem à indústria da beleza, retornem à moda e criem uma revolução contínua e sustentável.”. Era preciso, também, que as feministas retornassem à indústria midiática e atualizassem o conteúdo sendo difundido.

Levando em consideração o panorama traçado até o momento, que indica mudanças nos debates contemporâneo da sociedade e ilustra como o posicionamento midiático interfere nas organizações sociopolíticas, torna-se indispensável analisar como a mídia brasileira vem se portando frente a esse novo *boom* dos movimentos sociais, pois “[...] a mídia não é uma ferramenta inocente de representação, produção e consumo. Ela serve como um poderoso instrumento por meio do qual as elites e autoridades controlam as massas e influenciam suas atitudes” (VAN DIJK, 1995 apud ZAHRA, TANVIR E HUSSAINI, 2018, p.533, tradução nossa.)<sup>1</sup>. Ao interferir e manipular nossa vida diária, os meios de comunicação ditam o comportamento comum para se lidar com raça, classe e gênero.

A mídia sempre colocou os corpos brancos como o padrão e criou imagens de corpos negros a partir do *olhar branco* – termo que possui certa fortuna crítica e foi utilizado por intelectuais como Toni Morrison e James Baldwin. Em *Toni Morrison: Partes de Mim* (GREENFIELD-SANDERS, 2019), documentário acerca da vida da escritora, podemos ver Morrison descrever como funciona tal olhar ao afirmar que é a ideia de que vidas negras não têm “significado e profundidade sem o olhar branco”. No presente trabalho, tornou-se interessante pensar esse conceito em comunhão com dois outros: *male gaze* ou olhar masculino, proposto por Laura Mulvey (1975), e *white male gaze* ou olhar branco masculino (SHARPLEY, 1994). O primeiro é uma forma de olhar e retratar mulheres que empodera

---

<sup>1</sup> “[...] media is not an innocent tool of representation, production and consumption (Van Dijk, 1995). It serves as a powerful instrument through which the elites and authorities control the masses, and influence their attitudes (Van Dijk, 1995).”

homens enquanto as sexualiza e diminui (VANBUSKIRK, 2021). Já o segundo é definido como “[...] um desejo conquistador de discernir, de lançar luz sobre o desconhecido, nesse caso a mulher negra.” (SHARPLEY, 1994, p.2, tradução nossa)<sup>2</sup>. Partindo desses panoramas, é perceptível que o olhar branco é mais amplo, pois não está restrito apenas a homens, visto que mulheres brancas também são cúmplices do sistema racista que sexualiza e diminui pessoas negras, exercendo um poder estrutural que foi dado a elas graças ao privilégio da branquitude. Todos os brancos são beneficiários do olhar branco (PAILEY, 2019).

Como declara Grada Kilomba (2019, p.73, grifos no original), “[n]ós nos tornamos visíveis através do olhar e do vocabulário do *sujeito branco* que nos descreve: não são nossas palavras nem nossas vozes subjetivas impressas nas páginas da revista, mas sim o que representamos fantasmagoricamente para a nação *branca* e seus *verdadeiros* nacionais”. Quando olhamos para essa representação dos não-brancos, o *modus operandi* da mídia funcionava majoritariamente de uma forma dicotômica: ou eles são extremamente estereotipados, sendo hiperssexualizados, discriminados e/ou utilizados como exemplos de superação, ou são invisibilizados. Ambas são formas cruéis de exercer o racismo.

O tempo verbal pretérito foi utilizado propositalmente no parágrafo anterior, pois, para que a mídia possa exercer sua influência e (in)formar a realidade em que vivemos, é fundamental que os meios de comunicação estejam conectados aos assuntos contemporâneos, falando e discutindo as questões vigentes, o que pressupõe uma mudança discursiva. Acreditamos que essa mudança está em curso há alguns anos. Visando aprofundar o debate, o presente trabalho, fruto de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2019, objetiva investigar como três revistas – sendo uma revista voltada para homens (GQ), uma voltada para mulheres (Marie Claire) e outra voltada para o público afro-brasileiro (Revista Raça) – vêm se comportando com o aumento das conversas sobre gênero e raça.

Deste modo, esse estudo tem como propósito responder às seguintes perguntas: A forma como pessoas brancas e negras são construídas pela mídia mudou? Em especial, a mulher negra segue sendo retratada a partir do viés de hiperssexualização? Ou ela sequer é mencionada?

A busca por essas respostas pode ser observada nos capítulos que virão a seguir. O capítulo 1 possui uma revisão de literatura acerca da temática, apresentando uma exposição das publicações que tratam de mídia, raça e gênero e que norteiam a pesquisa. Em seguida, o capítulo 2 traz esclarecimentos sobre os instrumentos metodológicos utilizados na análise empreendida. Os capítulos 3 e 4 são os de análise de dados, sendo, respectivamente, um sob a

<sup>2</sup> “[...] a conquering desire to discern, to shed light upon the unknown, in this case, the black female.”

perspectiva quantitativa e outro sob a perspectiva qualitativa. Por fim, são apresentadas as considerações finais e uma retomada das questões levantadas ao longo da pesquisa.

## **1. MÍDIA, RAÇA E GÊNERO: UM PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO**

Os debates que abarcam a intersecção entre mídia, raça e gênero são relevantes há algumas décadas – não só no Brasil, como no mundo – e isso pode ser percebido quando observamos o volume de publicações acadêmicas que tratam dessas imbricações, visto que “[...] a pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la” (MOITA LOPES, 2006, p.85). Dessa forma, ao traçar um panorama sócio-histórico do que vem sendo dito pelos mais diversos pesquisadores, é possível observar como o assunto vem se desenvolvendo no cotidiano.

O presente capítulo pretende, então, explorar ainda mais a relação entre sociedade e Academia ao discutir algumas obras centrais que guiam esse trabalho e com as quais dialogamos com o objetivo de propor possíveis respostas às perguntas de pesquisa. Com esta revisão de literatura, pretende-se situar a pesquisa em um campo de estudos já bem estabelecido e pontuar suas contribuições para as investigações das relações entre mídia, raça e gênero, problemática que tem ganhado cada vez mais destaque e a partir da qual se pode não só entender o papel da mídia em perpetuar discursos racistas de forma insidiosa, como também fomentar a luta antirracista na sociedade brasileira.

### **1.1 Alguns estudos sobre raça e gênero na mídia**

Em 1992, nos Estados Unidos, hooks lançou o livro *Olhares Negros*, no qual fala sobre como as representações negativas de corpos negros que são veiculadas pela mídia de massa e pela indústria cultural afetam a psique dos afrodescendentes. É nessa obra que a autora trabalha a fundo o conceito de Outro, o qual é caro a presente pesquisa e se refere ao processo social e subjetivo de exotificação de corpos a partir do olhar sexista e racista que sustenta a branquitude e o patriarcado.

No Brasil, tal tema também vinha se tornando cada vez mais relevante entre estudiosos. Em 2002, o livro *Mídia e Racismo* trouxe diversos autores – como Hildézia Medeiros, Bernardo Ajzenberg, Eduardo Henrique Pereira de Oliveira, Miriam Leitão e Sandra Almada, que são responsáveis pelo capítulo “A imprensa e o racismo” – falando sobre o papel dos meios de comunicação frente às questões de raça, racismo, etnicidade e direitos da população negra. No mesmo ano, Adriane Roso, Marlene Strey, Pedrinho Guareschi e Sandra Bueno publicaram o artigo “Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero” (2002), no qual identificavam imagens problemáticas veiculadas pela mídia de massa e abordavam os conceitos de minoria e maioria, que não eram muito trabalhados em nosso país à época<sup>3</sup>.

A Linguística Aplicada também contribuiu para que “novas teorizações calcadas em novos modos de entender a vida social” (MOITA LOPES, 2006, p.86) fossem inauguradas, como pode ser visto no artigo “Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras”, desenvolvido por Célia Magalhães (2004) a partir de teorias antirracistas. Na introdução desse artigo já é pontuado que uma mudança discursiva sobre raça estava em curso no Brasil desde a participação do país na *Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância*, que ocorreu em julho de 2001. À vista disso, a linguista investigou a mudança nos discursos jornalísticos sobre raça a partir da análise de um corpus contemporâneo, o qual é constituído por reportagens da Folha de São Paulo publicadas entre janeiro e junho de 2003 no formato online.

O corpus, que foi compilado a partir da busca pelas palavras-chave raça, racismo e racista, possui 73 textos e 25.417 palavras. Magalhães, primeiramente, analisou-o por inteiro, sem distinção de gênero discursivo e “focalizando os termos de cor para investigar as relações lexicais nele construídas.” (MAGALHÃES, C., 2004, p.41). Em seguida, examinou a intertextualidade e a interdiscursividade nas 47 reportagens que possuíam como foco a raça no Brasil, investigando como diferentes discursos são articulados. Por fim, houve uma análise sobre a dialogicidade e a diferença no jornal. Não há dúvidas de que o artigo é muito rico, com muitas informações e um bom apanhado sobre as diferentes teorias raciais que percorriam o Brasil no começo dos anos 2000. Contudo, neste capítulo, irei me ater a algumas questões analíticas que dialogam mais diretamente com esse trabalho.

---

<sup>3</sup> “No Brasil, falamos dos/as negros/as, das mulheres, dos/as índios/as, mas poucos são os estudos que adotam o binômio “maioria/minoria” para o entendimento e análise dos fenômenos culturais, e consideramos importante incluir estas terminologias no campo da pesquisa social.” (ROSO; STREY; GUARESCHI; BUENO, 2002, p.77)

Antes de ir para a metodologia, Magalhães busca explicar o motivo de ter escolhido a Análise Crítica do Discurso (ACD). É pertinente comentar que alguns linguistas costumam criticar a ACD, afirmando que os pesquisadores que a utilizam selecionam partes para confirmar a própria teoria. Contudo, o ‘casamento’ dessa metodologia com a Linguística de Corpus (LC), como foi feito por Magalhães, é imensamente profícuo, pois junta intuição e comprovação empírica. A presente pesquisa, inclusive, também abraça esse *mix* quali-quantitativo e pode ser vista como uma espécie de atualização do artigo que foi publicado há 18 anos, pois também analisa mudanças discursivas que ocorreram na mídia.

Na seção seguinte, Magalhães nos apresenta às linhas de concordância oferecidas pelo programa WordSmith Tools, software que gerencia e permite a análise de corpora. Tais linhas são cruciais pois permitem que a pesquisadora busque os termos que a interessam e veja, de forma contextualizada, como eles aparecem no corpus. Após buscar os termos *negra(s)*, *negro(s)*, *preto(s)* e *pardos(s)*, foram analisadas as ocorrências de cada palavra para saber se elas tinham “predisposição” – conceito desenvolvido por Hoey e

definido por ele como o fato de que “[...] na medida em que se aprende uma palavra através de encontros com ela na fala e na escrita, ela se torna carregada dos efeitos cumulativos desses encontros de tal forma que passa a fazer parte do nosso conhecimento desta palavra o fato de que ela co-ocorre com outras”. (MAGALHÃES, C., 2004, p.42)

A partir disso, Magalhães conclui que os itens lexicais *negra(s)* tinham poucas ocorrências, pois carregavam em si uma conotação negativa, sendo entendido como termos que faziam referência sutil ao período da escravidão e que eram comumente associados à ideia de insulto racial. A predisposição deles parecia ser a “[...] de ocorrer como adjetivos, modificadores de substantivos em grupos nominais ou atributos de portadores em processos relacionais” (MAGALHÃES, C., 2004, p.44). A palavra *negro* costuma aparecer como adjetivo. Já *negros* possui a mesma predisposição de *negra(s)*, porém ocorre mais frequentemente como substantivo e em pesquisas que apresentam estimativas populacionais, as quais são privilegiadas pelos jornais e trazem uma “perspectiva mais numérica e menos interpretativa da questão social” (MAGALHÃES, 2004, p.45).

As palavras *pretos* e *pardos* também foram investigadas no estudo de Magalhães. Havia poucas ocorrências de ambas, e, para explicar tal fato, Magalhães estabelece um diálogo com os dicionários da língua portuguesa e com o Banco do Português, como pode ser visto a seguir:

As poucas ocorrências destes itens lexicais no BP, a definição de preto como “4. Sujo, encardido” e de pardo como “2. De um branco sujo, duvidoso”, em Holanda Ferreira (2004), sugerem que sua predisposição é para ocorrer como adjetivos com sentido negativo. As raras ocorrências de pretos (2 ocorrências de pretos e 1 ocorrência de preta) no corpus, cujas linhas de concordância são apresentadas abaixo, sugerem, ademais, que esses itens têm sido substituídos pelas palavras negros/negra num contexto mais amplo, provavelmente porque estes últimos se difundiram discursivamente depois que os movimentos negros introduziram seu uso para identificar o grupo racial. (MAGALHÃES, C., 2004, p.45).

A autora também assinala que há uma supressão do termo “pardo” em seu corpus, o qual aparece mais frequentemente em colocações como “pretos e pardos”, e “brancos e pardos”, reproduzindo a classificação proposta pelo IBGE. Além disso, é pontuado que há o uso de “negros e pardos”, o qual é considerado incoerente pois o termo negro, que possui um sentido político e visa incluir pretos e pardos em um mesmo grupo, já pressupõe o termo “pardo”.

Na conclusão de seu estudo, Magalhães afirma que

[...] a noção de democracia racial ainda é um discurso muito presente, mediado pelo jornal analisado, uma vez que ela se textualiza através de itens lexicais do campo semântico cor da pele; do outro lado, a análise sugere que este discurso já não é mais hegemônico, na medida em que outros discursos como o das ações afirmativas começam, gradualmente, a entrar na arena discursiva e a lutar por poder. (MAGALHÃES, C., 2004, p.55)

É possível enxergar na asserção acima um gancho para pesquisas futuras, pois a autora abre espaço para que pesquisadores investiguem se a noção falaciosa de democracia racial seria desmantelada com o tempo ou se ainda seria veiculada. Infelizmente, indo de encontro ao que se esperava, Raíssa dos Santos (2017) comprovou que o discurso acerca do mito da democracia racial segue muito presente tanto na sociedade brasileira quanto na mídia.

Em “A representação das mulheres negras na Vogue Brasil: um estudo de caso” (2017), Raíssa buscou entender qual o papel representado por mulheres negras na mídia da moda. O trabalho possuía como objeto de pesquisa um corpus composto por 10 capas de edições especiais sobre o Rio de Janeiro, as quais foram publicadas entre 2010 e 2016 pela Vogue Brasil, mais precisamente no mês de novembro. A escolha do mês é muito interessante, visto que há o feriado do Dia da Consciência Negra e, graças a essa data, um aumento da veiculação de corpos negros em revistas e anúncios publicitários – sem dúvidas, uma tokenização<sup>4</sup>. Contudo, ao mesclar observação sistemática, pesquisa documental e análise do

---

<sup>4</sup> Significa uma falsa inclusão racial. De acordo com Clelia O. Rodriguez (2017, s.p.), “[n]esse caso, tokenizar seria o ato de se utilizar da presença, da proximidade ou de uma relação com uma pessoa negra para se eximir de cometer racismo. Também ocorre quando uma pessoa negra, num espaço ocupado pela branquitude, é usada para legitimar atos racistas naquele espaço ou grupo. Como se a

discurso, a autora criou um quadro metodológico que permitiu pontuar que, na *Vogue Brasil*, em seis anos e dez capas de revista, não há nenhuma mulher negra. Não há, também, representações estereotipadas desse grupo, apenas o vazio. Como pontua a pesquisadora,

[...] por mais que existam negras que trabalhem e façam parte da indústria, esse espaço continua não sendo para elas. Também não vemos nenhuma imagem estereotipada da mulher negra nos moldes da mulata, empregada doméstica ou com seu corpo de forma sexualizada, porém, a imagem que essa revista mostra é de um ideal branco europeu como norma. Consequência, então, da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial que a revista brasileira incorporou no seu discurso. (SANTOS, Raíssa dos. 2017, p.49)

A partir disso, percebe-se que a posição subalterna segue sendo a ordem, e se apoia tanto no mito popularizado por Freyre quanto na ideia de uma suposta superioridade da elite branca.

Outro estudo que aborda a ideia de invisibilização e expõe a falácia da democracia racial é o artigo “Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia” (CHRISTOFOLETTI e WATZKO, 2009), que possui como objetivo principal expor como a mídia de Santa Catarina não está comprometida em retratar a diversidade racial e étnica da sociedade catarinense, mas sim em reforçar o estereótipo de população descendente de europeus. Para atestar esse fato, Christofolletti e Watzko investigaram a presença de mulheres negras, as quais sofrem com a justaposição do machismo e do racismo, em três jornais da região. Concluiu-se que, entre todas as fotografias com pessoas que foram publicadas por esses periódicos, apenas 2,35% retratavam essas mulheres. Já os homens negros correspondem a 9,9% das fotografias, o que reforça a ideia de que mulheres negras são a classe mais discriminada e invisibilizada pela sociedade, ocupando um não-lugar extremamente cruel.

Conforme a relação entre mídia, raça e gênero foi sendo contextualizada no trabalho acima, fomos apresentados a anúncios inequivocamente racistas e estereotipados que eram disseminados pela Bahia dos anos 80:

[...] Um deles tinha o título “defeito de fabricação” e abaixo trazia uma imagem de um garoto negro, com correntes no pescoço, canivete na mão e tarja nos olhos com o seguinte texto: “Tem filho que nasce para ser artista. Tem filho que nasce para ser advogado e vai ser embaixador. Infelizmente, tem filho que já nasce marginal”. (CHRISTOFOLETTI e WATZKO, 2009, p. 99)

Tal estereotipização foi igualmente constatada no trabalho “Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia” (FERREIRA, 2012), que também discorre sobre mito da democracia racial, atrelando-o ao desejo de

---

presença de uma pessoa negra num determinado espaço ou numa relação eximisse o emissor de ser racista.”

embranquecimento. Como a autora afirma, esse desejo ocorre pois corpos negros são retratados a partir de um viés negativo, sendo comum que pessoas negras sejam rotuladas como tendo uma “aparência suspeita, cara de ladrão [...]” (DAVIS, 2000, p.99 apud FERREIRA, 2012, p.195), exatamente como foi feito no anúncio citado por Christofolletti e Watzko (2009).

Para aprofundar essa questão, Aparecida Ferreira (2012) buscou ilustrar como a mídia constrói identidades sociais, dado que elas “[...] são construídas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem da interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados” (MOITA LOPES, 2002, p.37 apud FERREIRA, 2012, p.194). Para tal, analisou uma imagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo, no encarte Folhinha, em 2005, investigando a diferença com que brancos e negros de diferentes ascendências – no caso do desenho, italianos e pessoas vindas de África – são retratados. É necessário pontuar que os personagens são descritos da seguinte forma na legenda: “Escravos em engenho de açúcar e, no alto, italianos em trajes típicos” (FERREIRA, 2012, p.201). Após analisar as escolhas lexicais e semióticas do texto escolhido, a autora assevera que

[a] forma como as identidades sociais estão representadas têm desdobramentos sociais tanto para negros quanto para não negros. Para os negros, traz o desejo de não pertencimento, pois é um passado muito doloroso e as pessoas não querem ter aquela experiência novamente e tampouco querem ser relacionadas àquilo. Por outro lado, para os não negros, a imagem pode impedir que as pessoas tenham um olhar positivo acerca dos aspectos culturais e de identidade dos africanos, afro-brasileiros ou negros. (FERREIRA, 2012, p.205)

Ampliando esse olhar, pode-se observar que pessoas não-brancas no geral precisam lidar com estereótipos raciais pejorativos sendo propagados pela mídia, como pode ser visto no estudo “A Corpus-based Critical Discourse Analysis of Racial Stereotyping in American Newspapers”, empreendido por Zahra, Tanvir e Hussaini (2018). Para comprovar a proposição, os autores analisaram dois corpus elaborados a partir de dezesseis artigos jornalísticos que tratam de acidentes de tiro em massa, sendo oito realizados por atiradores brancos e oito por não-brancos. Concluiu-se que os atiradores não-brancos eram sempre descritos a partir de suas etnias, mas a raça era omitida quando os atiradores eram brancos.

Outro estereótipo negativo que acompanha tantos homens quanto mulheres não-brancas é o de hipersexualização. No trabalho “As virgens do pop: o discurso de virgindade e a construção de feminilidades na cultura pop” (ALMEIDA, 2020), vemos como tal hipersexualização é utilizada no discurso midiático sobre mulheres negras e com

descendência latina, em contraposição ao discurso que exalta a pureza e a virgindade das mulheres brancas. É preciso ressaltar que o foco do trabalho de Luiza Almeida (2020) não é examinar os diferentes tratamentos dados a mulheres brancas e negras, mas sim entender como a linguagem contribui na perpetuação de ideais misóginos ligados à sexualidade feminina e como a cultura pop e a mídia contribuem para a criação de um “dispositivo de virgindade”. No entanto, não há como falar dessa temática e ignorar como a questão racial e étnica influencia no tratamento dado a diferentes artistas, visto que enquanto mulheres brancas são construídas como virgens e angelicais, as negras e as de origem latina e hispânica são extremamente vulgarizadas e sexualizadas.

Ao analisar a capa solo de Beyoncé Knowles, publicada em 2004 pela revista *Rolling Stones*, contrapondo à forma com que Britney Spears era retratada, Almeida (2020) explicita que “dentro do contexto patriarcal, em que o valor das mulheres está atrelado à sexualidade, mulheres brancas são consideradas ‘naturalmente’ puras, enquanto mulheres negras são consideradas ‘naturalmente’ degradadas e corrompidas” (WALD apud ALMEIDA, 2020, p.17). Sendo assim, pudemos ver Beyoncé sendo altamente sexualizada tanto na foto veiculada quanto no discurso empregado pela revista, o qual a descreve como tendo “uma grande bagagem na parte de trás” (ALMEIDA, 2020, p.18). Identificamos que isso apenas reforça o que hooks (2019, p. 128) afirmou: “[r]epresentações de corpos de mulheres negras na cultura popular contemporânea raramente criticam ou subvertem imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do século XIX e que ainda moldam as percepções hoje.”. Infelizmente, como veremos adiante, os discursos que hiperssexualizam mulheres negras ainda são reiterados pelos veículos midiáticos.

As pesquisas resenhadas acima são significativas para a elaboração deste trabalho, pois ilustram como, ao longo dos anos, a grande mídia seguiu operando em uma lógica binária que já foi apontada: ora veiculava imagens negativas de corpos racializados, ora sequer mencionava a existência dessas pessoas, invisibilizando todos aqueles que não são brancos. Como já foi afirmado, uma atualização discursiva sobre temáticas sociais está em curso há algumas décadas, o que impacta na forma com que a população negra é retratada nos mais diversos jornais e revistas. Contudo, o panorama traçado nesta seção nos permite pontuar que a branquitude segue figurando enquanto sinônimo de humanidade, o que coloca a negritude como Outro (HOOKS, 2019).

Além disso, apesar da mudança de pensamento empreendida pela população brasileira estar gerando alguns frutos nos veículos de comunicação – como o aumento de colunas escritas por mulheres negras em grandes revistas e a popularização de publicações voltadas

para a comunidade negra –, as denúncias de tokenização não param. Isso porque é fácil ter colonistas não-brancas exercendo um trabalho incrível e veiculando matérias importantíssimas ao mesmo tempo que não há menção a corpos negros se não for nessas colunas. Os recursos racistas foram se aprimorando e atualizando, tornando-se mais mascarados. Porém, o que fica explícito em todos os textos aqui citados é que a mídia realmente está alinhada com a população, e não há dúvidas que o Brasil segue racista. Logo, também não há dúvidas que a mídia segue racista.

Sendo assim, esta pesquisa se desenvolve já sabendo que a ideologia de branqueamento e a exclusão de corpos negros são propagados regularmente pela mídia de massa. Não há ingenuidade, mas sim um olhar atento para entender o que os novos jornalistas estão buscando fazer, para avaliar se as discussões fomentadas cotidianamente dentro e fora das redes sociais estão efetivamente gerando mudanças no jornalismo ou se tudo ainda está concentrado no campo das ideias.

## **1.2 A branquitude enquanto norma e o racismo midiático**

As obras trabalhadas na seção anterior explicitaram que é comum encontrar uma associação falaciosa entre corpos brancos e normalidade sendo propagada. Como aponta Fernanda Carrera (2020, p.9), isso gerou uma “carência analítica a respeito dos sentidos e das manifestações discursivas do que é ser branco no seio social”, pois o interesse científico é sempre o Outro, o ser racializado (HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019). À vista disso, constatamos que a branquitude não se pensa enquanto raça e, até recentemente, também não era pensada, o que prejudica o entendimento das estruturas racistas em que estamos inseridos.

Verificamos também que, ao não ser marcada discursivamente, a branquitude permanece em um local de extremo privilégio, pois tem o poder de olhar sem ser olhada, de construir sem ser construída. De acordo com Tracy Denean Sharpley (1994, p.2, tradução nossa)<sup>5</sup>, “[...] o olhar constrói uma imagem que é capturada na narrativa (...). As imagens não são gratuitas. Em vez disso, elas geralmente estão ligadas a discursos de poder. Elas permitem que certas ideias do eu e do Outro sejam validadas.”. Como os estudos resenhados anteriormente indicam, o olhar que dita as narrativas midiáticas sobre a população negra é o

---

<sup>5</sup> “[...] the gaze constructs an image that is captured in narrative (...). Images are not gratuitous. Rather they are generally bound up with discourses of power. They allow certain ideas of the self and the Other to be validated.”

olhar branco, o qual funciona como uma entidade reguladora que afere os níveis de humanidade e nos obriga a acreditar que “[...] a brancura é o único referente do progresso” (PAILEY, 2019, p.2, tradução nossa)<sup>6</sup>. Cria-se, dessa forma, um regime de normalidade (WARNER, 1993 apud BORBA, 2020) que, através das relações entre língua, corpo e sociedade, estabelece quais corpos contam como sujeito e quais não contam (BUTLER, 2009 apud BONFANTE, 2020) a partir de um ponto de vista específico, o da branquitude. O olhar branco, assim, se coloca no centro dos regimes de representação midiática.

Não há dúvidas que a mídia possui um lugar de destaque nessas relações, visto que ela está a serviço dos “interesses de determinadas classes sociais e grupos econômicos” (OLIVEIRA, E., 2002, p.36). Portanto, a imprensa intencionalmente (re)produz a separação entre corpos que importam – brancos – e corpos que não importam – não-brancos. E, entre esses corpos que não importam, os das mulheres negras sofrem com a sobreposição do racismo e do machismo.

Levando em consideração a situação única de tais corpos, Kimberlé Crenshaw (1989) cunhou o termo “interseccionalidade” que, segundo a pesquisadora negra brasileira Carla Akotirene,

[...] permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2019, p.14).

Em comunhão com o posicionamento de dar enfoque às experiências das mulheres negras, publicações como as de Rogério Christofolletti e Roberta Watzko (2009), Raíssa dos Santos (2017) e Luíza de Almeida (2020) analisam as representações midiáticas acerca desse grupo social, apontando problemas recorrentes como invisibilização, subalternização e estereotipização.

A população brasileira finge que não vê o problema, servindo-se da invisibilidade como um cruel instrumento de exclusão (RAMOS, 2002). Contudo, quando resolve abordar os corpos negros femininos, reproduz desenfreadamente um discurso negativo que comprova “[...] que a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediato.” (GONZALEZ, 2020b, p.34). Logo, a ideia veiculada pela mídia do que é a mulher negra pode até estar se atualizando quanto aos termos utilizados, mas

---

<sup>6</sup> “[...] assuming that whiteness is the only referent of progress [...]”

repetidamente seguem lhe atribuindo o papel social de *doméstica* ou o da *mulata*, como apontou Gonzalez em seu artigo “Cultura, etnicidade e trabalho”.

Frente à análise aqui proposta, cabe assinalar que, apesar dos frequentes debates sobre a necessidade de uma mídia mais engajada em questões sociais e que se porte de forma anti-machista e antirracista, veremos adiante que as revistas Marie Claire e GQ seguem ‘bebendo da fonte’ normativa e reproduzindo certos estereótipos, processos que são sustentados pelo olhar branco através do qual a branquitude é escamoteada e transformada em um ponto de visão que ora não é nomeado, ora é construído através de associações negativas.

### 1.3 A resistência da imprensa negra

Onde há poder, há resistência, já dizia Michel Foucault (1988). Logo, não é novidade o fato de que as pessoas conseguem, por dentro das estruturas que as cerceiam, produzir sentidos outros. No campo midiático, isso fica explícito quando olhamos para a imprensa negra, que buscava veicular imagens positivas da população afrodescendente.

Como assinala Jorge dos Santos,

Historicamente, desde o início da introdução da imprensa no país, no século XIX, os negros também lutam por produzir seu próprio discurso. Um discurso que busca confrontar o que se difunde a seu respeito, depreciando sua identidade, seus valores, e que tencionava deslegitimar seus direitos e sua adequada inclusão na sociedade que se organiza a partir de então, e do país que inicia a sua construção. (SANTOS, Jorge dos., 2017, p.72).

Entre os séculos XIX e XX, muitos periódicos voltados para os negros circularam, criando uma identidade cultural, combatendo comentários depreciativos e atuando como órgão de protesto (BASTIDE, 1951 apud SANTOS, Jorge dos, 2017). Atualmente, estamos vivendo a era da nova imprensa negra, que “[...] é resultante da ampla consciência etnicista que ocorreu nos anos 1960 e teve suas forças retomadas a partir de 1990.” (SANTOS, João, 2007 apud BRAGA; MAGALHÃES, 2015, s.p.). É nesse momento que temos o surgimento da revista Raça Brasil, criada em setembro de 1996.

De acordo com informações disponibilizadas pelo próprio site, a Raça é a “[p]rimeira e mais conceituada revista do Brasil com conteúdo relacionado à cultura afro”<sup>7</sup>. Como foi apresentado até o momento, imagens prejudiciais à psique da população afro-brasileira

<sup>7</sup> REVISTA RAÇA. “Quem Somos”. Sobre. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/sobre/>. Acesso em: 13 de mar. 2022

seguiam (e, como veremos, ainda seguem) sendo difundidas incessantemente pela mídia. Logo, a criação dessa revista é essencial, pois contrapõe-se ao imaginário social consolidado pelo olhar branco. Almada (2002, p.52) assevera isso ao dizer que a revista “[...] colaborou de forma importante para uma mudança na cultura de imagem, apresentando uma imagem do negro que, de certa forma, desmitifica as imagens tradicionais que nós víamos na mídia, do pagodeiro ou dos nossos excluídos, que compunham as manchetes do noticiário policial”.

Segundo Foucault (1994, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo qual se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.”. Entende-se, então, que os discursos veiculados pela Raça permitem que corpos negros figurem enquanto sujeitos de sua própria história, local esse que sempre nos foi negado.

#### **1.4 Olhares, corpos e discursos**

Notamos que a relação entre olhares, corpos e discursos é essencial para que esse trabalho seja desenvolvido. Como pontuou Gleiton Bonfante (2020), a linguística ainda apresenta resistência ao fato de que a linguagem é uma prática corpórea (BUCHOLTZ e HALL, 2016 apud BONFANTE, 2020). Contudo, ao olharmos para o poder midiático e como ele, através do discurso, (in)forma estereótipos sobre determinados corpos, percebe-se que o pensamento butleriano de que “[...] o sujeito, embora aja na linguagem, está submetido irremediavelmente aos discursos que o produzem” (BONFANTE, 2020, p.323) se confirma.

Sendo assim, o presente trabalho mobiliza três revistas – Marie Claire, GQ e Revista Raça – para analisar como os sujeitos negros são construídos discursivamente por pessoas que detém o poder regulador e também como eles constroem ativamente certos entendimentos. Para que vejamos, de fato, como os corpos e as subjetividades são interpeladas pelo olhar branco que sustenta regimes de representação midiática dos corpos negros, iremos contrapor matérias escritas por articulistas brancos e negros, mostrando como não é necessário reproduzir estereótipos para que um bom jornalismo seja feito.

Ao olhar para o panorama sócio-histórico exposto neste capítulo, é triste perceber que trabalhos sobre raça, mídia e gênero ainda são tão cruciais e pertinentes. No prefácio da segunda edição de *Olhares Negros*, hooks desejou que o livro já não fosse mais relevante, pois isso significaria que as imagens sobre corpos negros veiculadas pela grande mídia já não

eram mais negativas e prejudiciais a psique das pessoas negras. Todavia, quando olhamos para o fato de que a obra foi traduzida e distribuída no Brasil apenas em 2019, juntamente a *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (KILOMBA, 2019) e à publicação de livros como *Pequeno Manual Antirracista* (RIBEIRO, 2019) e *Racismo Recreativo* (MOREIRA, 2019), percebemos que o debate racial está tornando-se interesse da população brasileira e, quiçá, mundial.

## 2. METODOLOGIA: INDISCIPLINA E CASAMENTO QUALI-QUANTITATIVO

Para a realização desta pesquisa – a qual se debruça sobre questões que envolvem discurso, raça, gênero, mídia, corpo e relações de poder –, era fundamental encontrar uma área que valorizasse alguns aspectos imprescindíveis para mim, como a transdisciplinaridade e a proximidade entre pesquisadora e objeto de pesquisa. Tal necessidade ocorre pois eu, enquanto mulher, negra, feminista e pesquisadora, não acredito que seria possível tratar do meu tema de pesquisa sem levar em conta minha subjetividade, meu corpo e todos os atravessamentos que me perpassam. Sendo assim, a Linguística Aplicada (LA) se mostrou o campo ideal, visto que satisfaz as exigências mencionadas e tenta “[...] *criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central*” (MOITA LOPES, 2006, p.14, grifos no original).

É preciso, no entanto, explicitar que o alinhamento metodológico aqui exposto é a uma Linguística Aplicada INdisciplinar, termo proposto pelo pesquisador Luiz Paulo da Moita Lopes (1998). Como o mesmo afirma, em um artigo mais recente,

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (Fabrício, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar limites ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como transdisciplinar, no sentido de que deseja atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando. (MOITA LOPES, 2009, p.19)

É interessante pensar que um afastamento dos paradigmas consagrados se apresenta de muitas formas na LA. No entanto, quatro se mostram indispensáveis para esse trabalho: o abandono de uma posição solucionista, a valorização da proximidade crítica, a valorização do corpo e a transdisciplinariedade. O primeiro ponto parte do pressuposto de que “[...] fazer

pesquisa é uma prática continuamente problematizadora que “forma os objetos dos quais fala” (Foucault, 1979, p. 49).” (MOITA LOPES e FABRÍCIO, 2019, p.712). Sendo assim, essa área não busca solucionar problemas, mas questionar estruturas e “objetivar uma vida melhor” (FABRÍCIO, 2006, p.62).

A proximidade crítica, segundo ponto especificado, é insurgente. Como afirmam Moita Lopes e Fabrício (2019, p.713), “[...] em vez de se pautar por distância crítica, i.e. o apagamento do sujeito que pesquisa, uma LA crítica enfatiza a performance do/a pesquisador/a, entendendo que modos de falar, sentir, sofrer, gozar etc. são inseparáveis do ato de pesquisar.”. Percebemos, portanto, que a subjetividade do pesquisador e suas motivações são primordiais para a LA, dado que as escolhas e posturas que motivam um trabalho são extremamente políticas. Essa pesquisa, por exemplo, nasceu de insatisfações pessoais, visto que eu, enquanto mulher negra consumidora de revistas, sempre me senti ou sub-representada ou hipersexualizada. A partir de tais sentimentos, do meu amadurecimento e do contato com teorias de feministas negras, notei que seria proveitoso investigar essas questões e sistematizá-las, buscando denunciar o comportamento repetitivo das mídias brasileiras e explicitar que o olhar branco dominante que constrói corpos negros no jornalismo contemporâneo não é o único possível.

Outro tópico que se tornou essencial para as pesquisas da Linguística Aplicada é a “[...] necessidade de pensar o mundo por um olhar não ocidentalista” (MOITA LOPES, 2006, p.87), pois há uma vontade latente de nos afastarmos de uma postura academicamente exaltada, a qual busca objetividade e distância entre pesquisador – objeto de pesquisa. Tal forma de produção de conhecimento é oriunda de um modelo masculino, branco e ocidental, o qual também institui que o corpo deveria ser apartado do mundo acadêmico. bell hooks (2000, s.p.), ao pensar sobre as salas de aula e o corpo, afirmou que “[c]hamar atenção para o corpo é traír o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens.”. Sem dúvidas, tal afirmativa se expande para o contexto desta pesquisa.

A LA INdisciplinar vem questionando o panorama citado acima, pois entende que a subjetividade do autor é, como já foi dito, política e significativa para sua pesquisa, enriquecendo-a. Além disso, compreende e difunde que corpo e linguagem não podem ser apartados, visto que o corpo produz discursos, assim como é produzido por eles (MOITA LOPES e FABRÍCIO, 2019; BORBA, 2020). É preciso entender que esses discursos são cumulativos, circulam pela sociedade agrupando referenciais, o que os confere um caráter citacional e reiterativo. Em outras palavras, os corpos são classificados através de discursos

reguladores que instituem o que é “normal” e são (re)feitos através do processo de repetição. Sempre que algo racista é dito, por exemplo, o sentido não está sendo construído na hora. Na verdade, há uma história de uso que vincula o que foi dito a vários sentidos possíveis que só poderão ser determinados pelo contexto (BORBA, 2020). Quando olhamos para corpos negros, notamos que eles estão sempre sendo percebidos pela sociedade como descartáveis, perigosos e/ou de forma hipersexualizada e isso ocorre pois, através do discurso, a negritude foi construída como o fator que divide quem pode, de fato, representar a verdadeira condição humana e quem não pode (KILOMBA, 2019, p.14)

Por fim, a ideia de transdisciplinaridade expressa a necessidade de se movimentar entre as fronteiras acadêmicas. Como afirma Fabrício (2006), há uma complexa “trama movente” caracterizando a vida contemporânea, pois o mundo está sempre em movimento e nós existimos em movimento. Entendendo que “existir” é puramente um caso de devir, “[...] sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (DELEUZE, 1997, p.11), que está intrinsecamente conectado à linguagem, como poderia a LA ser apartada do social e das teorias que buscam entendê-lo?

Dessa forma, o diálogo entre a LA e as “teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e das humanidades” (MOITA LOPES, 2006) é basilar. No caso desta pesquisa, são mobilizadas teorias advindas do feminismo negro, dos estudos acerca da mídia e dos estudos de linguagem, com vistas entender os regimes de representação que aparecem na mídia com relação à intersecção entre raça e gênero. E, ao olharmos para as conexões entre as mais diversas áreas de conhecimento, fica evidente que “[a] perspectiva da indisciplinaridade em LA requer um nível alto de teorização inter/transdisciplinar (o que envolve ler em vários campos do conhecimento, participar de eventos em outras áreas etc.) [...]” (MOITA LOPES, 2009, p.20). Buscando estar em congruência com isso, esse trabalho é permeado do início ao fim por teorias advindas não só dos campos já citados, mas de pensadoras negras – como Lélia Gonzalez, Angela Davis, Sueli Carneiro, bell hooks, Grada Kilomba, entre outras.

Já foi dito quais os campos com que dialogamos no desenvolvimento desta pesquisa. Agora, é preciso discutir que ferramentas metodológicas me permitiram analisar o objeto de pesquisa em comunhão com os conceitos acima explicitados. Visando, portanto, expor a construção dessa pesquisa, alguns métodos analíticos e de geração de dados – os quais dão certa robustez à análise e permitem que discursos sexistas e racistas incrustados em nossa sociedade sejam desnudados – serão apresentados agora. São eles: Linguística de Corpus e Análise Crítica do Discurso Multimodal.

## 2.1 Linguística de Corpus (LC)

A escolha por uma metodologia quantitativa ocorreu devido à necessidade de comparação entre diversas matérias veiculadas por revistas brasileiras. Isso pois, somente assim seria possível identificar discursos recorrentes e pensar como corpos brancos e negros eram construídos diferentemente pela mídia. Dessa maneira, a Linguística de Corpus (LC) foi escolhida, pois como afirma o linguista Tony Berber Sardinha (2000),

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (BERBER SARDINHA, 2000, p.325)

Partindo desse pressuposto, um *corpus* sincrônico, que compreende o período de 2016 a 2020, foi gerado através da seleção de matérias publicadas nos sites das revistas Marie Claire e GQ, ambas do Grupo Globo, e Revista Raça. Contudo, antes de falarmos sobre questões exclusivas da LC, é preciso contextualizar a seleção desses periódicos.

A decisão pelo gênero revistas foi motivada pelo entendimento de que as mesmas são produtos significativos para a vida social e para a perpetuação de discursos, visto que

De acordo com Scalzo (2003, p. 11-12), revista “é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. Dessa forma, a revista torna-se um complemento, tanto em educação como em entretenimento para o leitor, sendo esta um serviço de informações. Diante disso, com o foco no leitor, a revista se divide em segmentações, sendo produzida e direcionada a um determinado público, ou seja, segundo Fátima Ali (2009, p.20), são dirigidas a nichos determinados, como mulheres, homens, professores, jovens e crianças. Voltadas a consumidores específicos, possuem toda estrutura - como a missão editorial e projeto gráfico - pensada, desde sua concepção, para atender as demandas e perfis do público leitor a qual aquele título será destinado. (MARTINS, MARQUES, FREITAS e DEPEXE, 2019, p.2)

Assim sendo, foram escolhidas revistas voltadas para nichos diferentes, pois era indispensável ter uma amostragem ampla e diversificada, que mostrasse como as construções discursivas se modificam de acordo com o público-alvo. Temos, assim, uma revista voltada para o público feminino (Marie Claire), uma para o público masculino (GQ) e uma para a população afro-brasileira (Revista Raça).

A Marie Claire é uma magazine francesa, que foi publicada pela primeira vez em 1937. Em 1991, sua versão brasileira foi lançada pela editora Globo. Na atualidade, a Marie

Claire Brasil é dirigida por mulheres que tratam de assuntos contemporâneos sob um viés informativo, trazendo publicações sobre moda, beleza, saúde, boa forma, relacionamentos, saúde, viagens, entrevistas, entre outros temas, sob o slogan “Chique é ser inteligente” (DOLINSKI, 2019). Ela é vendida sob a ideia de ser

Uma marca essencial para atingir as mulheres independentes, inteligentes e que gostam de moda. A mistura perfeita de jornalismo da mais alta qualidade com o universo sofisticado da moda e da beleza. A Marie Claire celebra a mulher contemporânea, fala para uma leitora ousada e ao mesmo tempo glamourosa. (EDITORA GLOBO, 2015 apud DOLINSKI, 2019, p.12)

Já a revista *Gentlemen's Quarterly* é estadunidense e foi publicada pela primeira vez em 1931, sendo renomeada para *GQ* em 1967. Contudo, apenas em 1980 ela adquiriu seu formato atual, tornando-se um guia para homens que traz questões de *lifestyle*, como comportamento, cultura, alimentação, cinema, sexo, viagens, política, livros, entre outros (MARTINS, MARQUES, FREITAS e DEPEXE, 2019). Pode-se afirmar que a *GQ* possui um visual bem estabelecido mundialmente, sendo facilmente identificado por seus consumidores, uma vez que “[a]s capas desta publicação geralmente são protagonizadas por homens – um ator, jogador de futebol ou pessoa de presença marcante que possua relevância no cenário nacional ou mundial no momento – sempre bem vestidos, na sua maioria trajando ternos com acessórios caros.” (MARTINS, MARQUES, FREITAS e DEPEXE, 2019, p.4). A *GQ* Brasil, que foi criada em 2011, segue esse padrão, sendo uma espécie de revista-guia para a masculinidade.

Por fim, temos a Revista *Raça*, a qual já foi brevemente mencionada na seção anterior. Criada no Brasil, em 1996, ela possui enorme expressividade, dado que figura como a primeira publicação voltada para a população afro-brasileira. Como afirmam as pesquisadoras Larissa Braga e Magna Magalhães (2015, s.p.), a *Raça* trabalha a partir de “[...] uma abordagem que constitua e fortaleça elementos étnicos que ressaltem a beleza, a capacidade de organização e a consciência política dos sujeitos negros”, contrariando o paradigma negativo e estereotipante que seguem os meios de comunicação brasileiros.

É necessário pontuar que essa revista passou por algumas crises. De acordo com Sandra Almada (2002), já em 1999 houve uma queda de vendas e desestímulo do leitor, o que acarretou na modificação de sua periodicidade. A autora, inclusive, pontua que em 2002 a circulação da magazine passou a ser apenas trimestral. Contudo, como é informado em seu próprio site, a *Raça* voltou a ser distribuída mensalmente em 2020, indo de encontro à

tendência de crise que foi observada no mercado editorial. Podemos pensar que tal melhora na veiculação da revista tem relação com o aumento das discussões sobre questões raciais.

Como observamos, os periódicos são diferentes entre si, pois se voltam para públicos diferentes, ao mesmo tempo em que compartilham assuntos em comum – isso é notável pois permite que sejam analisados discursos que percorrem diferentes espaços e pessoas. Para que a comparação fosse ainda mais justa, foi preciso seguir alguns parâmetros na elaboração do corpus, como espaço temporal e palavras-chave.

O corpus que constitui esta investigação é composto por 2.985 textos de diferentes gêneros, totalizando 2.056.566 palavras. A distribuição de textos por revista está descrita na tabela abaixo:

**Tabela 1** - Quantidade de dados gerados dentro do recorte temporal 2016-2020

REVISTAS	TEXTOS	PALAVRAS
Marie Claire	1.583	1.246.232
GQ	1.011	537.407
Revista Raça	391	272.927
Total	2.985	2.056.566

Fonte: elaboração da autora

De acordo com a classificação de corpora proposta por Berber Sardinha, a qual leva em consideração o tamanho em palavras e “fundamenta-se na monitoração dos corpora efetivamente usados pela comunidade” (BERBER SARDINHA, 2000, p.346), o corpus compilado é considerado médio-grande (BERBER SARDINHA, 2000), pois está situado entre 1 milhão e 10 milhões de palavras. Para sua elaboração, primeiro foi preciso delimitar quais seriam as revistas e como seriam selecionadas as matérias. A escolha das revistas se deu pelo entendimento de que para tratar gênero e raça, o ideal seria buscar periódicos que tivessem públicos-alvo diferentes e que dessem conta da problematização proposta por essa pesquisa. Após a escolha, foi levado em consideração que a dinamicidade dos textos publicados em sites era melhor e conversava com o momento em que vivemos. Logo, foram selecionadas matérias publicadas no site dos respectivos periódicos, entre os anos de 2016 e 2020, o que confere ao corpus um caráter sincrônico.

O recorte temporal indicado acima foi estabelecido através do desejo de se investigar as mudanças discursivas que estão ocorrendo na sociedade e refletem na mídia. Como foi apontado na introdução, desde 2015 estamos experienciando um *boom* dos debates sociais.

Dessa forma, inicialmente, seriam selecionadas matérias de 2014 a 2020, pois assim seria possível estabelecer um antes e depois dessa efervescência social. Contudo, a Revista Raça só disponibiliza em seu site matérias a partir de 2016, e, como é necessário manter uma coerência entre todas as revistas, as matérias foram selecionadas a partir desta data.

Em seguida, as palavras-chave que seriam digitadas no campo de busca foram estabelecidas: “mulher”, “mulher negra”, “homem” e “homem negro” nas revistas voltadas para o público feminino e “mulher”, “mulher branca”, “homem” e “homem branco” na revista voltada para o público afro-brasileiro. Como explico no artigo “Racismo e sexismo: uma análise interseccional em revistas de grande circulação”,

[e]ssa diferença nos termos escolhidos ocorre pois, nas revistas do grupo Globo, se não colocasse o termo “negra ou negro”, apareciam, em sua maioria, pessoas brancas. Isso, por si só, já nos permite afirmar que há uma sub-representação de corpos negros. A subalternidade ainda é o lugar de lei para tais corpos. Já na Raça, tínhamos o contrário, dado que é uma revista voltada para o público negro. (OLIVEIRA, D., 2021, p.113)

É notável que há uma discrepância frente à quantidade de matérias reunidas, apesar de não haver diferença no método de geração de dados. Essa desigualdade numérica ocorre pois cada periódico publica com uma constância diferente, o que resulta em um número diferente de matérias sendo reunidas. Porém isso não impacta significativamente na investigação aqui proposta, dado que o corpus é analisado no software – o qual será apresentado abaixo – de duas formas: primeiramente como um todo e, em seguida, os subcorpus de cada revista.

Como foi dito no início da presente seção, as evidências são extraídas do corpus por meio de computador – mais especificamente, por meio de ferramentas que visam propiciar o desenvolvimento da pesquisa e o manuseio de uma grande quantidade de dados. Aqui, foi utilizada a ferramenta CQPweb (HARDIE, 2012), que é hospedada e mantida no servidor do projeto Open Language Archive (OLA). O OLA é um projeto de democratização (acesso livre) a recursos linguísticos que me foi apresentado pela pesquisadora Andressa Gomide, uma das desenvolvedoras. Meu corpus, que é intitulado Revistas Brasileiras, está disponível para consulta e pode ser usado para pesquisas futuras tanto por mim quanto por outras pessoas – assim como outros corpora que também estão disponíveis no OLA.<sup>8</sup>

Para a análise de dados aqui proposta, serão utilizadas funções específicas do software. A primeira é a lista de frequência, a qual apresenta todas as palavras do corpus e com qual frequência elas ocorrem. De acordo com o linguista Paul Baker (2006, p.47,

---

<sup>8</sup> Meu corpus Revistas Brasileiras pode ser acessado através do link: <https://ola.unito.it/CQPweb32/revistas/index.php>

tradução nossa)<sup>9</sup>, “[a] frequência é um dos conceitos mais centrais que sustentam a análise de corpora. [...] Usadas com sensibilidade, elas podem iluminar uma variedade de fenômenos interessantes.”. A palavra *sensibilidade* escolhida pelo autor é muito significativa, dado que as listas de frequência podem ser redutivas, generalizantes e simplificar demais a pesquisa. Exatamente por isso, irei utilizar também as linhas de concordância. Tais linhas são uma lista que mostram todas as ocorrências de um termo de pesquisa específico no corpus. Ao mobilizar essas duas ferramentas, torna-se possível observar se o foco determinado pelas listas de frequência é de fato expressivo e importante, pois veremos em que contexto aparecem as palavras com maior ocorrência.

Por fim, também serão utilizadas as colocações. Esse recurso permite que vejamos quais palavras ocorrem mais frequentemente próximas umas das outras. Como afirma Firth (1975 apud Baker, 2006, p.96, tradução nossa), “você pode saber muito sobre uma palavra a partir das companhias que ela mantém”<sup>10</sup>. Dessa forma, será aprofundado o contexto já revelado pelas concordâncias, visto que saberemos quais palavras co-ocorrem com uma frequência estatisticamente relevante.

Por mais que a LC, que é um método quantitativo, permita que uma alta quantidade de dados seja gerada, esta pesquisa está alinhada com a seguinte asserção: “[...] a interpretação de dados de natureza quantitativa fica completamente arbitrária ou especulativa se dados de natureza subjetiva e qualitativa forem ignorados.” (MOITA LOPES, 1994, pp.332-333). É preciso pontuar que a investigação do corpus a partir das linhas de concordância e dos colocados, que será realizada neste trabalho, já é entendida por alguns autores (MAGALHÃES, 2004; BAKER, 2006) como uma forma de análise que mistura tanto a Linguística de Corpus quanto a Análise do Discurso. No entanto, objetivamos trazer um maior aprofundamento na parte qualitativa, visando entender também como as escolhas semióticas atuam na construção discursiva dos corpos e olhar de forma mais próxima as estratégias linguísticas empregadas pelas diferentes revistas aqui utilizadas. Por isso, também será mobilizada a Análise Crítica do Discurso Multimodal.

---

<sup>9</sup> Frequency is one of the most central concepts underpinning the analysis of corpora. [...] Used sensitively, they can illuminate a variety of interesting phenomena.

<sup>10</sup> You shall know a lot about a word from the company it keeps.

## 2.2 Análise Crítica do Discurso Multimodal (ACDM)

Um dos principais pontos que guiam a análise do discurso é o entendimento de que discurso é mais do que apenas linguagem (JONES, 2018). Partindo desse pressuposto, a Análise Crítica do Discurso Multimodal (ACDM) se tornou muito cara à presente pesquisa, visto que essa metodologia perpassa postulados fundamentais da Análise Crítica do Discurso (ACD) e dá a devida importância às fotos veiculadas por revistas, explicitando como as escolhas linguísticas e semióticas são cruciais para a construção de um discurso dominante.

Como defende o linguista Norman Fairclough (1992 apud MACHIN e MAYR, 2012), que é considerado um dos pioneiros da ACD, é preciso que se analise as conexões entre linguagem, poder e ideologia. À vista disso, desde as primeiras publicações dessa área, há uma vontade de se analisar como a linguagem opera na sociedade e frente às questões que afetam diretamente o mundo contemporâneo (FABRÍCIO, 2006). De acordo com David Machin e Andrea Mayr (2012)

A Análise Crítica do Discurso buscou desenvolver métodos e teorias que pudessem [...], principalmente, traçar e descrever as práticas e conversões nos e por trás dos textos que revelam o investimento político e ideológico. A Análise Crítica do Discurso também está abertamente comprometida com a intervenção política e a mudança social (Fairclough e Wodak, 1997:258). (MACHIN e MAYR, 2012, p.4, tradução nossa)<sup>11</sup>

Isto posto, é possível perceber que essa abordagem defende a posição explícita do pesquisador frente aos dados analisados (MAGALHÃES, I., 2004), visto que ela contribui para que se entenda que as relações de poder são discursivas. Sendo assim, o analista crítico de discurso busca analisar como a linguagem (re)produz a vida social, estando atento para que tipo de mundo estamos criando (MACHIN e MAYR, 2012).

O interesse nas imagens veiculadas pelas matérias jornalísticas ocorre pois partimos do entendimento que a seleção lexical e semiótica que acompanha textos midiáticos é deliberada e busca reiterar uma posição, a qual está, costumeiramente, alinhada àquela que a revista propaga. Por isso a Análise Crítica do Discurso Multimodal é imprescindível, visto

---

<sup>11</sup> Critical Discourse Analysis sought to develop methods and theory that could [...] especially to draw out and describe the practices and conventions in and behind texts that reveal political and ideological investment. Critical Discourse Analysis is also openly committed to political intervention and social change (Fairclough and Wodak, 1997:258).

que, como afirmam Machin e Mayr (2012), tal ferramenta analítica não se interessa pelas escolhas visuais semióticas por si só, mas sim pelo jeito com que a comunicação visual, assim como a linguagem, constrói e é construída pela sociedade. Dessa maneira, nas três matérias que serão analisadas a partir dessa perspectiva, haverá uma especial atenção às fotos que ajudam a construir o significado do que está sendo publicado.

É preciso, no entanto, explicar como um corpus com mais de dois milhões de palavras se transformou em um sub-corpus de três matérias para a análise qualitativa. Como já foi dito, o material aqui explorado foi compilado a partir da busca por algumas palavras-chave (mulher, mulher negra, mulher branca, homem, homem negro, homem branco) nos sites das revistas Marie Claire, GQ e Raça. Todo o corpus foi submetido a uma análise de dados no software OLA, e, após isso, consideramos que seria proveitoso exercer um olhar mais atento para alguns aspectos. Como não era possível fazer uma análise qualitativa próxima de todas as 2985 reportagens, foi utilizado o método de *downsampling* ou redução de amostragem, que diminui o número de artigos para uma quantidade viável.

Levando em consideração que o interesse deste trabalho é investigar as diferenças entre o jornalismo que sempre foi racialmente engajado e o jornalismo que segue se atualizando nesta temática a partir dos debates contemporâneos, com atenção especial ao tratamento dado à mulher negra, através da procura pelo termo *mulher negra*, foram selecionadas matérias de cada revista em que o foco recai sobre tais mulheres. Após isso, uma nova triagem foi feita, identificando quais matérias possuíam traços em comum – como a escolha por personalidades públicas e imagens sendo veiculadas junto ao texto. Isso rendeu um corpus com seis matérias, sendo duas de cada revista. Apesar de pequeno, esse conjunto de amostragem reduzido contava com artigos longos e detalhados. Por conta do tamanho da pesquisa aqui empreendida e da vontade de analisar eficazmente as matérias, realizei novamente o exercício de triagem, o que resultou em três matérias, sendo uma de cada periódico.

As escolhas analíticas mencionadas estão alinhadas à ideia de “[...] a análise qualitativa do corpus reduzido situa-se dentro de um quadro teórico de tomada de posição, ou o ato de avaliar linguisticamente um objeto contextualmente relevante e, em assim fazendo, posicionando-se (e outros) no espaço social (Du Bois 2007; Jaffe 2009).” (BAKER e LEVON, 2016, p.113, tradução nossa)<sup>12</sup>. Isso ocorre pois, novamente, entendemos que os textos

---

<sup>12</sup> [...] qualitative analysis of the downsampled corpus is situated within a theoretical framework of stance-taking, or the act of linguistically evaluating a contextually relevant object, and, in so doing, positioning one’s self (and others) in social space (Du Bois 2007; Jaffe 2009).

mediáticos funcionam como veículos de tomada de posição (BAKER e LEVON, 2016), reforçando perspectivas sociais bem definidas através do discurso linguístico e semiótico.

Para que as diferenças e semelhanças entre os textos jornalísticos selecionados sejam explicitadas, serão utilizados dois conceitos essenciais à ACDM: a análise lexical e a análise iconográfica ou iconológica. No livro *How to Do Critical Discourse Analysis: a multimodal introduction*, Machin e Mayr (2012, p.30) descrevem a análise lexical como “[...] simplesmente olhar para os tipos de palavras que existem no texto. Em outras palavras, perguntamos qual vocabulário um autor usa. Ele tende a usar certos tipos de palavras e evitar outras?”<sup>13</sup>. Como apontam os autores, é preciso que algumas categorias analíticas sejam mobilizadas para que se chegue a conclusões sobre tal vocabulário empreendido. Aqui, utilizamos três das apresentadas por eles: conotação de palavras (*word connotations*), escolhas lexicais e gênero de comunicação (*lexical choice and genre of communication*) e classificação dos atores sociais (*classification of social actors*).

Analisar a conotação de palavras é o primeiro e mais básico passo que se pode dar em uma análise lexical. Ele parte dessa investigação das escolhas lexicais, entendendo que “[...] sendo a linguagem um conjunto de opções disponíveis, certas escolhas foram feitas pelo autor por suas próprias razões motivadas.” (MACHIN e MAYR, 2012, p.32, tradução nossa).<sup>14</sup> No presente trabalho, “[...] estamos tomando a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas, ao contrário, a língua é concebida como ideologicamente saturada, língua como visão de mundo [...]” (BAKHTIN, 1981, p.270 apud MOITA LOPES, 2013, p. 18). Dessa forma, todas as escolhas feitas refletem em uma esfera política, visto que indexicalizam outros discursos.

O conceito de indexicalidade aqui evocado é relevante pois indica como as escolhas discursivas sinalizam Discursos mais amplos (BORBA, 2020) “[...] construídos social, histórica e coletivamente que permeiam o mundo social (Ochs, 1992; Blommaert, 2006).” (MELO e MOITA LOPES, 2020, p.78). Ou seja, com base nas escolhas linguísticas feitas, os autores indicam sua consciência das indexicalizações que fazem (MOITA LOPES, 2013) e expõem seu posicionamento frente a questões raciais e de gênero, uma vez que “muito do significado e, portanto, do valor significativo que as formas linguísticas têm para seus falantes está nas conexões ‘indexicais’ entre os signos linguísticos e os fatores contextuais de seus

---

<sup>13</sup> [...] simply looking at what kinds of words there are in text. In other words, we ask what vocabulary an author uses. Do they tend to use certain kinds of words and avoid others?

<sup>14</sup> [...] since language is an available set of options, certain choices have been made by the author for their own motivated reasons.

usos – suas conexões com os falantes, ambientes, tópicos, instituições e outros aspectos de seus mundos socioculturais” (KROSKRITY, 2000, p.7 apud MOITA LOPES, 2013, p.25).

Já a categoria de escolhas lexicais e gênero de comunicação leva em consideração que “[m]uitas vezes os textos podem usar escolhas lexicais para indicar níveis de autoridade e associação com o público (Fairclough, 1995a). O autor muitas vezes tentará nos influenciar alegando ter poder sobre nós.” (MACHIN e MAYR, 2012, p.42, tradução nossa)<sup>15</sup>. Para que a conexão e influência entre autor-leitor seja estabelecida, algumas estratégias podem ser utilizadas, como a escolha por uma linguagem comum para o leitor ou a alegação de conhecimentos especializados. Conforme apontam Machin e Mayr (2012), uma técnica que se tornou habitual foi o uso de um estilo conversacional (*conversational style*), que traz um senso de informalidade para a comunicação estabelecida e costuma ser utilizado por jornalistas, políticos e anunciantes. Inclusive, um estudo realizado por Machin e van Leeuwen em 2005 faz uma conexão relevante entre essa estratégia e as revistas de lifestyle:

Machin e van Leeuwen (2005) apontam a maneira como as revistas de estilo de vida costumam usar um léxico de vocabulário de 'rua', usando uma pitada das últimas gírias usadas pelos jovens e modernos. Este é um aspecto importante do estilo de vida, pois tanto o bem que as revistas vendem quanto as identidades e valores que estão alinhados com eles devem sempre parecer atualizados. (MACHIN e MAYR, 2012, p.46, tradução nossa)<sup>16</sup>

De acordo com essas pontuações, analisaremos como as revistas selecionadas fazem uso de um vocabulário estratégico para se conectar com seu público e influenciá-lo.

Quanto à classificação dos atores sociais, diferentes técnicas de referência podem ser empregadas. Logo, os participantes podem ser representados como seres individualizados, grupos ou figuras anônimas, a partir de estratégias como personalização e impersonalização, individualização ou generalização, nomeação ou funcionalização, entre outras. De acordo com Machin e Mayr (2012, p.100), essas formas de classificação podem servir ideologicamente como formas de avaliar positivamente ou negativamente os participantes, influenciando na recepção dos leitores. Olharemos especificamente para esses três aspectos no presente trabalho, analisando como figuras públicas são construídas e referenciadas.

Como já foi apontado anteriormente, “[t]exto e imagem se complementam na construção de sentidos” (ALMEIDA, 2020, p.26). Sendo assim, a investigação das escolhas

<sup>15</sup> Often texts can use lexical choices to indicate levels of authority and comembership with the audience. Author will often seek to influence us through claims to having power over us.

<sup>16</sup> Machin and van Leeuwen (2005) point out the way that lifestyle magazines often use a lexis of 'street' vocabulary by using a sprinkling of the latest slang expressions used by the young and trendy. This is an important aspect of lifestyle as both the good the magazines sell and the identities and values that are aligned with them must always appear to be up to date

semióticas é de extrema importância para o completo entendimento do que será veiculado pelas matérias. Como definem Machin e Mayr (2012, p.31, tradução nossa), a análise lexical nos permite explorar “[...] a maneira como elementos individuais em imagens, como objetos e configurações, são capazes de significar discursos de maneiras que podem não ser óbvias em uma visualização inicial.”<sup>17</sup>. Para que essa análise seja feita, será utilizada como base a teoria semiótica proposta por Roland Barthes (1973, 1977 apud MACHIN e MAYR, 2012).

De acordo com Barthes, as imagens podem denotar e conotar. Os já citados autores Machin e Mayr (2012, pp.49-50) explicitam de forma inteligível e descomplicada o que isso quer dizer: denotar é mostrar determinados eventos, pessoas, lugares e coisas. Para saber o que uma imagem denota, é só perguntar “quem e/ou o que está representado aqui?”. Uma foto de uma casa, por exemplo, denota uma casa. Já quando dizemos que uma imagem conota, estamos entendendo que outra imagem ainda vai representar determinadas pessoas, lugares e coisas, mas denotar não é sua função principal ou exclusiva. Ela representa pessoas, lugares e coisas concretas para transmitir ideias gerais ou abstratas. Então, para saber o que uma imagem conota devemos perguntar “que ideias e valores estão sendo comunicados através do que está representado e pela forma com que é representado?”. Dessa forma, podemos perguntar para qualquer imagem que discurso está sendo comunicado.

Ao tratar dessa temática, os autores também sublinham que, evidentemente, não existe denotação neutra e que toda imagem conota algo para nós. Contudo, é importante não pular a importante etapa que é a denotação, pois é preciso estar atento para os detalhes, visto que é a partir deles que entendemos como o discurso mais amplo foi construído.

Em sua teoria, Barthes listou três importantes conotadores de significado: poses, objetos e configurações. Todos são significativos para que identifiquemos as estratégias representacionais mobilizadas na construção dos atores sociais (MACHIN e MAYR, 2012) e, levando-os em consideração, iremos analisar aspectos como: as pessoas estão sozinhas ou acompanhadas nas fotos veiculadas? Para onde elas olham? O que está no fundo da foto? Qual a posição do espectador em relação a pessoa retratada na imagem? Como é a roupa utilizada?

Como foi possível observar neste capítulo, é levado em consideração que toda reportagem é construída a partir de escolhas intencionais, tanto de vocabulário quanto de imagens. Sendo assim, o ‘casamento’ entre a Linguística de Corpus e a Análise Crítica do Discurso Multimodal aqui promovido busca entender se as relações de poder, o discurso

---

<sup>17</sup> [...] the way that individual elements in images, such as objects and settings, are able to signify discourses in ways that might not be obvious at an initial viewing.

midiático e as questões de gênero e raça estão ou não se modificando com o passar do tempo e com a ampliação dos debates sociais. O foco é investigar como são retratadas as mulheres negras – que costumam ser invisibilizadas frente a um grande grupo ou tratadas sob o viés da hipersexualização –, pretendendo mostrar que a branquitude segue figurando como norma nos espaços da mídia que não são voltados para a promoção da cultura afro-brasileira, como veremos na análise a seguir.

### **3. ANÁLISE DO CORPUS**

Como foi dito no capítulo anterior, o corpus está sendo investigado através de três ferramentas disponibilizadas pelo software CQPweb: lista de frequência, linhas de concordância e colocados. Contudo, na análise aqui apresentada, as listas de frequência e os colocados terão maior protagonismo, pois, conforme as linhas de concordância foram sendo esquadrinhadas, tornou-se perceptível que elas confirmam o cenário que será exposto nas colocações. Dessa forma, as colocações serão analisadas mais detalhadamente, visto que a partir delas veremos que palavras co-ocorrem com uma frequência estatisticamente relevante, o que permite revelar diferenças entre os discursos empregados por cada revista.

#### **3.1. Listas de Frequência**

O primeiro passo da análise consiste em examinar as palavras que mais aparecem no corpus. Assim, elaboramos uma lista de frequência, a qual está organizada de forma decrescente, com o programa CQPweb. Como já foi dito, nessa lista estão organizados, do mais frequente para o menos, todos os termos que ocorrem no corpus de 2.056.566 palavras. No entanto, para o estudo aqui empreendido, não iremos levar em consideração as palavras gramaticais – “[...] pronomes, conjunções e preposições, que têm a função de estabelecer relações entre segmentos do enunciado do texto.” (FORNARI, 2009, p.169) –, apenas as palavras lexicais – “[...] palavras que contêm em si informações semânticas, como os verbos, os substantivos e os adjetivos.” (FORNARI, 2009, pp.196-170).

Sendo assim, enumeramos os 100 termos lexicais com maior frequência e, em seguida, selecionamos aqueles que possuem centralidade temática em relação às questões de gênero e raça. A seleção foi feita intuitivamente, baseando-se no meu conhecimento sobre o

contexto, as matérias reunidas e a temática envolvida (BERBER SARDINHA, 2011). O resultado foi uma lista com 30 palavras:

**TABELA 2 - Palavras selecionadas para análise**

	<b>PALAVRA</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
1	Mulheres	6.887
2	Mulher	4.660
3	Negra	2.493
4	Homens	2.325
5	Homem	2.167
6	Negras	1.992
7	Negros	1.511
8	Negro	1.378
9	Racismo	1.352
10	Gênero	798
11	Política	780
12	Feminismo	573
13	Branco	541
14	Branços	513
15	Preconceito	446
16	Branca	432
17	Raça	391
18	Machismo	350
19	Preta	345
20	Branças	339
21	Preto	245
22	Representatividade	227
23	Empoderamento	204

24	Escravidão	193
25	Pretas	148
26	Masculinidade	145
27	Pretos	129
28	Cotas	124
29	Opressão	108
30	Estereótipos	106

Fonte: elaboração da autora

Como afirma Baker (2006, p.47), “[...] com o corpus certo, os dados de frequência podem ajudar a dar ao usuário um perfil sociológico de uma determinada palavra ou frase possibilitando maior compreensão de seu uso em contextos particulares”. Partindo dessa premissa, é preciso sublinhar que esta lista de frequência está sendo utilizada com o intuito de traçar um perfil acerca das discussões mobilizadas pelas revistas, mostrar que algumas palavras são utilizadas com mais regularidade que outras e criar um gancho para que essas diferenças sejam investigadas de forma contextualizada a partir das linhas de concordância e das colocações, visto que “nenhum termo é neutro. A escolha de palavras expressa uma posição ideológica.” (STUBBS, 1996, p.107 apud BAKER, 2006, p.47).

Os termos da lista elaborada podem ser separados em dois grupos, sendo o primeiro composto por palavras que refletem os debates contemporâneos acerca de raça, gênero e classe: *racismo, gênero, política, feminismo, preconceito, raça, machismo, representatividade, empoderamento, escravidão, masculinidade, cotas, opressão e estereótipos*. Já o segundo grupo é composto pelas palavras que norteiam essa pesquisa e que serão analisadas de forma mais detida a seguir. Em ordem de aparição, são elas: *mulheres, mulher, negra, homens, homem, negras, negros, negro, branco, brancos, branca, preta, brancas, preto, pretas e pretos*.

Essas palavras são relevantes para o presente trabalho pois é a partir delas que se torna possível investigar como as intersecções de gênero e raça influenciam as escolhas discursivas empregadas pelas revistas selecionadas. Vejamos, então, algumas diferenças de frequência entre as palavras apresentadas acima.

Quando examinamos a questão de gênero, é perceptível que há uma predominância sobre a temática que envolve mulher(es):

**TABELA 3** - Frequência dos itens que se referem à gênero:

	<b>Itens lexicais</b>	<b>Frequência</b>
1/2	Mulheres/Mulher	11.547
4/5	Homens/Homem	4.492

Fonte: elaboração da autora

À medida que olhamos para os termos que se referem à racialidade, observamos uma discrepância notável, visto que palavras derivadas de *negr-* aparecem em frequência consideravelmente maior do que aquelas oriundas de *branc-* ou *pret-*:

**TABELA 4** - Frequência dos itens derivados de *negr-*

	<b>Itens lexicais</b>	<b>Frequência</b>
3	Negra	2.493
6	Negras	1.922
7	Negros	1.511
8	Negro	1.378
	Total	7.304

Fonte: elaboração da autora

**TABELA 5** - Frequência dos itens derivados de *branc-*

	<b>Itens lexicais</b>	<b>Frequência</b>
13	Branco	541
14	Branços	513
16	Branca	432
20	Branças	339
	Total	1.825

Fonte: elaboração da autora

**TABELA 6** - Frequência dos itens lexicais derivados de *pret-*

	<b>Itens lexicais</b>	<b>Frequência</b>
--	-----------------------	-------------------

19	Preta	345
21	Preto	245
25	Pretas	148
27	Pretos	129
	Total	867

Fonte: elaboração da autora

Frente a esses resultados, é possível estabelecer que as discussões sobre mulheres têm predominância no corpus selecionado. Além disso percebemos que a negritude vem sendo marcada nas matérias, visto que termos derivados de *negr-* ocorrem 7.304 vezes no corpus, ilustrando como a condição de ser ou não negro precisa estar sendo nomeada. No entanto, não é possível afirmar o mesmo acerca da branquitude, dado que esta figura enquanto norma – o que se confirma quando percebemos que termos oriundos de *branc-* aparecem apenas 1.825 vezes, sendo alguns, como veremos na seção seguinte, ligados à cor de objetos, mas não à raça. Por fim, vemos que os termos *preto(s)* e *preta(s)* são pouco utilizados, o que já havia sido apontado por Magalhães (2004).

Levando em consideração que o foco dessa pesquisa é analisar as diferentes construções discursivas acerca de corpos brancos e negros, não iremos nos debruçar sobre a questão das palavras oriundas de *pret-*, pois fazer pressuposições sem analisar de forma qualitativa o uso é ir de encontro à metodologia empregada aqui. Isto posto, iremos analisar as palavras *mulher/mulheres*, *homem/homens* e aquelas que são derivadas de *branc-* e *negr-*, investigando como elas ocorrem de forma contextualizada no corpus e quais co-ocorrências são estatisticamente relevantes. No entanto, entendendo que é preciso comparar as especificidades de cada periódico aqui selecionado, investigaremos essas palavras a partir do subcorpus de cada revista.

### 3.2 Colocados

Agora serão analisados os colocados (*collocates*) presentes no corpus. Conforme pontua Baker (2006), essa análise é uma forma de aprofundar a investigação desenvolvida através da lista de frequência e das linhas de concordância, posto que “[a] colocação é, portanto, uma maneira de entender significados e associações entre palavras que de outra

forma seriam difíceis de determinar a partir de uma análise em pequena escala de um único texto.” (BAKER, 2006, p.96, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Como já foi apontado, as linhas de concordância não serão exploradas a fundo no presente trabalho. No entanto, é válido mencionar rapidamente quais resultados encontrados nelas levaram às escolhas empregadas na análise dos colocados. O CQPweb permite que mais de uma palavra seja pesquisada nas concordâncias através do uso do asterisco (\*), o qual funciona como um curinga (BAKER, 2006). Por exemplo, quando alguém decide buscar por *negr\**, estará buscando por *negro*, *negra*, *negros* e *negras*. Mediante a isso, os termos pesquisados foram: *mulher\**, *home\**, *branc\** e *negr\**. Essa combinação de variantes foi utilizada pois o intuito era ver como diferentes grupos – isto é, mulheres e homens, brancos e negros – estão sendo construídos discursivamente.

Os resultados das concordâncias foram trabalhados a partir da perspectiva empregada por Magalhães (2004), ou seja, as ocorrências foram investigadas a fim de ver se elas tinham predisposição para algum tipo de uso colocacional no corpus. Tivemos como resultado algumas predisposições como: os termos oriundos de *negr\**, por exemplo, aparecem adjetivando palavras como *mulher*, *mulheres*, *homem* *homens*, *meninas*, *vozes*. Já as palavras derivadas de *branc\** figuram tanto adjetivando *homens*, *mulheres*, *população* quanto *lençóis*, *vestidos* e alguns modelos de carros, o que mostra que elas informam tanto raça quanto cor de objetos. Verificamos, então, que a justaposição de alguns termos ajuda a entender quais discursos estão sendo apresentados. Visando estabelecer quais palavras co-ocorrem com uma frequência estatisticamente significativa e entendendo que, a partir disso, é possível identificar quais são os diferentes discursos propagados pela Marie Claire, GQ e Raça acerca de raça e gênero, serão examinados os colocados.

Sendo o presente estudo estruturado a partir da análise das categorias homem, mulher, branco e negro, estabelecemos que as palavras que serão analisadas através da ferramenta *Collocation*, disponível no CQPweb, são as seguintes: *mulher*, *mulher negra*, *mulher branca*, *homem*, *homem negro*, *homem branco*, *mulher\**, *home\**, *branc\** e *negr\**.

É necessário que se esclareça como os colocados são calculados pelo software. Como explicou Baker,

[...] vários testes estatísticos foram elaborados, que levam em consideração a frequência de palavras em um corpus e seu número relativo de ocorrências próximas e distantes umas das outras. (...). Um algoritmo, então, calcula qual seria a probabilidade esperada dessas duas palavras ocorrerem próximas uma da outra, com base em suas frequências relativas e no tamanho geral do corpus. Em seguida,

<sup>18</sup> Collocation is therefore a way of understanding meanings and associations between words which are otherwise difficult to ascertain from a small-scale analysis of a single text.

compara o valor esperado com o valor observado - o que realmente aconteceu e converte a diferença entre os dois em um número que indica a força da colocação - quanto maior o número, mais forte a colocação. (BAKER, 2006, p.101, tradução nossa)<sup>19</sup>

Posto isso, para que sejam investigados alguns padrões gerais que podem ser encontrados nos subcorpus de cada revista, foram elaboradas tabelas com os 20 colocados mais fortes de cada uma das dez categorias analisadas. Não iremos trabalhar com o valor que indica a força da colocação, mas sim apresentar os termos organizados na ordem em que aparecem no software, ou seja, de maneira decrescente e sem a exclusão das palavras gramaticais. O número após cada palavra mostra quantas vezes ela co-ocorreu com o termo pesquisado. Como poderá ser visto abaixo, algumas palavras menos frequentes apresentam poucos ou nenhum colocado – no primeiro caso, serão listados os termos que apareceram, enquanto no segundo teremos um risco (-) na tabela para explicitar a ausência.

**Tabela 7: Colocados da Revista Marie Claire**

Termo pesquisado	Ocorrências	Colocados
Mulher	3.287	aborta 7, presidir 6, maravilha 10, RME 5, nordestina 7, agride 5, periférica 11, transexual 9, identificada 8, negra 571, favelada 5, empreendedora 23, cisgênero 7, lésbica 19, associada 6, estuprada 5, sofre 17, eleita 13, sombra 8, branca 47
Mulher negra	532	nordestina 5, periférica 6, solidão 10, eleita 8, pobre 9, lésbica 6, falo 10, condição 7, primeira 58, Instituto 15, ocupar 6, América 6, tornou 10, representatividade 5, espaços 5, jovem 8, sendo 12, lugar 11, Uma 192, ser 46

<sup>19</sup> [...] a number of statistical tests have been devised, which take into account the frequency of words in a corpus and their relative number of occurrences both next to and away from each other. (...) An algorithm then computes what the expected probability of these two occurring near to each other would be, based on their relative frequencies and the overall size of the corpus. It then compares this expected figure to the observed figure - what really happened, and converts the difference between the two into a number which indicates the strength of the collocation - the higher the number, the stronger the collocation.

Mulher branca	44	classe 5, uma 29, como 8
Mulher*	8.396	Insubmissas 13, enfrentados 9, Vicência 7, liderados 6, aborta 7, assediadas 5, ONU 48, Ponciá 7, enfrentando 10, presidir 6, Adoráveis 8, desvalorização 5, unindo 5, denunciem 5, poderosas 31, “As 7, maduras 9, matam 11, mapeamento 6, ocupem 5
Homem	1.273	identificado 9, Ferro 8, chora 9, rico 7, match 5, hétero 5, detido 6, desconhecido 7, branco 60, Freitas 5, casado 7, Floyd 5, negro 77, daquele 5, namoro 6, nenhum 12, preso 7, fosse 20, Conheci 7, um 588
Homem negro	75	Floyd 5, um 53, por 11
Homem branco	55	um 38, o 17
Home*	2.910	isonomia 5, reflitam 5, dominado 14, solteiros 5, dominada 6, prestou 9, matam 9, poderosos 6, office 8, ocupados 5, identificado 9, leiam 6, espancado 5, Ronda 7, Ferro 8, chora 9, gays 10, brancos 80, rico 7, match 5
Negr*	4.530	Pantera 19, @djamiliaribeiro1 7, Panteras 11, Della 5 Psicólogas(os 5, Pesquisadoras(es 5, conquistarem 5, mapeamento 6, genial 5, potências 6, genocídio 13, periférica 15, latinos 9, reconheçam 6, atuam 9, Importam 17, 71 8, favelada 7, cineastas 6, autoria 6
Branc*	1.124	hegemonia 8, predominantemente 8, cercado 10, vestidas 6,

		supremacia 7, pintar 6, entendem 7, ILHA 8, indivíduos 5, majoritariamente 7, geralmente 10, 58 5, estereótipo 6, sujeito 6, figuras 6, Preto 15, privilégios 8, privilégio 5, fios 5, classe 13
--	--	--

Fonte: elaboração da autora

Os colocados relacionados aos itens *mulher*, *mulher negra*, *mulher branca* e *mulher\** revelam que a Marie Claire versa acerca de questões que giram ao redor de classe, gênero, raça e sexualidade. As palavras “estuprada”(5), “sofre”(17), “solidão”(10), “assediadas”(5) e “denunciem” (5) expõem que as opressões sofridas por esse grupo que possui o gênero como um fator comum estão sendo reveladas e investigadas, o que se relaciona com o debate fomentado pelo feminismo. Além disso, questões relacionadas à gênero, sexualidade e raça figuram como importantes, o que pode ser identificado graças à aparição de palavras como “transexual” (9), “cisgênero” (7), “lésbica” (6) “negra” (571) e “branca” (47).

O fato de *mulher branca* contar apenas com o colocado “classe” é interessante pois evoca marcadores tanto de gênero quanto de classe e raça, o que é defendido por Angela Davis, visto que “[a] gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras” (DAVIS apud RIBEIRO, 2016, pp. 12-13). Contudo, ao mesmo tempo, há o reforço de que a mulher branca é tida como norma e, por isso, ela só tem sua raça marcada quando há uma discussão acerca de questões de classe e raça que serão expostas a partir de uma dicotomia entre mulheres brancas e mulheres negras. Tal normalidade não-marcada também pode ser atestada pela diferença que a lista acima apresenta quando há termos mais gerais, como *mulher* e *mulher\**, dado que há a presença de palavras como “presidir” (6), “poderosas” (31) e “maduras” (9), as quais não aparecem quando olhamos para os colocados de *mulher negra* e *negr\**.

Os colocados de *homem*, *homem negro*, *homem branco* e *home\** apresentam ainda mais heterogeneidade, dado que existem poucas ocorrências dos termos *homem negro* e *homem branco*, o que resulta em poucos colocados. Contudo, no primeiro grupo, além dos artigos que serão encontrados também em *homem branco*, há a palavra “Floyd” (5), que se refere à George Floyd, homem, negro e estadunidense que foi brutalmente assassinado pela

polícia em 2020. Isso evidencia que algumas discussões acerca de masculinidade e raça propostas pela Marie Claire estão relacionadas a tal acontecimento, que gerou uma onda de debates no mundo.

Quando as categorias *homem* e *home\**, as quais são mais generalizantes, são averiguadas, notamos que as palavras “rico” (7), “match” (5), “hétero” (5), “desconhecido” (7), “namoro” (6), “solteiros” (5), “poderosos” (6) e “ocupados” (5) apresentam uma justaposição relevante. Tais itens remetem à ideia de encontros e namoros, temas que são comuns nas revistas de *lifestyle* voltadas para mulheres. O debate acerca da sexualidade não parece ser muito explorado, uma vez que “gay” só aparece como colocado de *home\**. Além disso, é perceptível que a temática de classe é trabalhada apenas através da ideia de riqueza e poder, pois, diferentemente do que foi observado quando olhamos para os colocados relacionados à mulheres, não há a presença de elementos como “pobre”, “periférico” e “classe”. Quanto à ideia de raça, os termos “branco” (60) e “negro” (77) aparecem relacionados à palavra *homem*, mas apenas “brancos” (80) aparece como colocado de *home\**. Esse dado intrigante fez com que as linhas de concordância fossem novamente analisadas, e foi perceptível que há um foco crítico na figura dos homens brancos, os quais são sinalizados como os maiores opressores da sociedade por acumularem poder de gênero, raça e, muitas vezes, de classe.

Os termos que evocam apenas raça possuem colocados extremamente diferentes dos outros que foram vistos anteriormente. As palavras “pesquisadoras(es)” (5) e “psicólogas(os)” (5), que co-ocorrem com o vocábulo *negr\**, refletem discussões que imbricam gênero – dada a escolha política de utilizar o feminino em primeiro plano –, raça e mercado de trabalho. Ademais, é notável que está em desenvolvimento um discurso de denúncia – que torna-se perceptível através do uso do termo “genocídio”(13), o qual nomeia o assassinato sistemático de corpos negros – aliado a uma exaltação da cultura negra, que fica explícita através da associação com as palavras “genial” (5), “cineastas” (6) e “autoria” (6). Já os colocados de *branc\** expõem que a Marie Claire vem construindo os discursos acerca da branquitude a partir de um viés crítico, chegando a construir uma prosódia semântica negativa que fica explícita pelo uso de itens lexicais como “hegemonia” (8), “supremacia” (7) e “estereótipo” (6).

**Tabela 8: Colocados da Revista GQ**

Termo pesquisado	Ocorrências	Colocados
------------------	-------------	-----------

Mulher	931	“Que 5, Maravilha 8, eleita 5, lésbica 5, ocupando 6, guerreira 5, Internacional 30, perfeita 8, Janela 5, acrescentou 6, rica 6, negra 65, linda 23, espetáculo 5, maravilhosa 11, preta 13, Deus 14, assumir 7, branca 8, trans 6
Mulher negra	52	primeira 8, uma 25, ser 7, a 23
Mulher branca	7	-
Mulher*	1.962	“Que 5, Alteradas 5, Adoráveis 8, Maravilha 8, lésbica 5, eleita 5, ocupando 7, dirigidos 5, objeto 5, guerreira 5, Internacional 39, Negras 48, mudaram 5, perfeita 8, cargos 7, rica 6, acrescentou 6, negra 67, linda 24, fortes 9
Homem	776	Ferro 25, identificado 5, contemporâneo 6, Floyd 13, rico 7, negro 59, lua 7, gay 10, trans 12, Brasileiro 22, escreve 5, branco 10, deve 9, papel 9, primeiro 16, um 240, ser 57, pode 19, mulher 26, do 147
Homem negro	54	Floyd 12, um 42, por 9
Homem branco	10	um 5
Home*	1.711	atuados 6, Ferro 26, identificado 5, Reflexivo 8, cis 5, majoritariamente 7, elegantes 10, contemporâneo 6, Floyd 13, rico 7, brancos 23, Y 5, Pretos 9, trans 15, negro 59, Lua 7, gay 10, comuns 7, brasileiro 23, volta 16
Negr*	894	Pantera 12, Panteras 5, influentes 5, pobre 6, população 24, gay 9,

		Consciência 8, periferia 5, comunidade 13, meninas 7, mídia 6, eram 12, cultura 23, protagonista 7, jovens 12, humor 6, EUA 7, jovem 12, Movimento 11, atores 7
Branc*	283	Asa 7, Quadrilha 7, camiseta 5, policial 11, preto 19, camisa 8, Sabem 5, praça 5, ouro 5, homens 24, enquanto 6, Casa 12, negros 6, homem 11, por 31, um 40, e 96

Fonte: elaboração da autora

Ao examinarmos os termos *mulher*, *mulher negra*, *mulher branca* e *mulher\**, enxergamos que há disparidades quanto aos colocados. *Mulher negra* só possui a palavra lexical “primeira” (8) figurando na lista disponibilizada. Quanto à *mulher branca*, vê-se que essa construção ocorre tão pouco no subcorpus Revista GQ que sequer tem colocados. Contudo, ao ver *mulher* e *mulher\**, é notável que são escolhidos diversos adjetivos, os quais visam caracterizar essas mulheres que estão sendo abordadas como “perfeita” (8), “rica” (6), “linda” (24), “maravilhosa” (11) e “fortes” (9). Há um debate acerca de gênero e sexualidade figurando, e isso se torna perceptível pela co-ocorrência estatisticamente relevante de palavras como “lésbica” e “trans”. A questão racial também figura com importância visto que “negra” é colocado tanto de *mulher*, aparecendo 65 vezes, quanto de *mulher\** – sendo “negra” (67) e “negras” (48) – e “branca” (8) é colocado de *mulher*.

A GQ, mantendo o padrão que foi encontrado na Marie Claire, não possui colocados relevantes quando olhamos para os termos *homem negro* e *homem branco*. Inclusive, é interessante pontuar que os colocados referentes a homem negro são exatamente os mesmos nas duas revistas – Floyd (12), um (42), por (9) – e, quando olhamos para os colocados de homem branco, vemos que a única diferença é que na Marie Claire o artigo masculino singular também figura como estatisticamente recorrente. Dessa forma, verificamos que as duas revistas do grupo Globo promovem exatamente o mesmo discurso e tratamento às questões que imbricam masculinidade e raça apesar de terem públicos distintos. Conforme as categorias mais genéricas – *home\** e *homem* – são examinadas, nota-se que palavras como “contemporâneo” (6), “rico” (7), “elegantes” (10) reforçam a ideia de homem que a GQ busca promover. Ademais, as palavras “branco” (10), “negro” (59), “gay” (10) e “trans” (12) aparecem com uma frequência expressiva através do cálculo feito para a elaboração da

listagem, dando a ideia de que questões de raça, gênero e sexualidade figuram como pano de fundo das discussões propostas pelas reportagens veiculadas no site.

Ao atentarmos para os vocábulos voltados exclusivamente para raça, há resultados interessantes. Os colocados de *negr\** apresentam que a ideia de classe é trabalhada unicamente pela palavra “pobre” (6), não sendo relacionado nenhum conceito de riqueza, o que permite apontar que há uma associação entre negritude e pobreza. A co-ocorrência das palavras “mídia” (6), “cultura” (23), “protagonista” (7), “humor” (6) e “atores” (7) mostram que uma discussão mais ampla sobre negritude está em curso, pois são tratadas questões culturais e artísticas. Já quando observamos os colocados *branc\**, fica evidente que há uma associação com a cor de roupas e acessórios – como vemos por “camiseta” (5), “camisa” (8) e “ouro”(5). Contudo, as palavras “policial” (11), “homens” (24) e “homem” (11) mostram que há uma associação também com a cor da pele.

**Tabela 9: Colocados da Revista Raça**

Termo pesquisado	Ocorrências	Colocados
Mulher	442	afetividade 8, Caribenha 5, negra 150, branca 16, Instituto 6, Internacional 8, preta 6, primeira 15, dia 14, uma 95, ser 21, da 132, a 190
Mulher negra	138	afetividade 5, instituto 5, Primeira 7, Dia 7, uma 32, da 55, a 62
Mulher branca	13	-
Mulher*	1.398	solteiras 5, afetividade 8, doze 5, Caribenha 5, trans 8, negras 263, homens 75, brancas 25, homossexuais 7, africanas 12, negra 153, dessas 10, particular 8, branca 16, duas 13, internacional 11, das 159, principalmente 11, violência 16, as 266
Homem	118	simples 6, branco 14, Homem 8, negro 19, um 43, o 47

Homem negro	17	-
Homem branco	14	um 10
Home*	417	homossexuais 6, simples 6, branco 14, pretos 5, brancos 17, mulheres 83, homem 8, negros 35, negro 19, entre 17, os 51, dos 31, um 52, e 142
Negr*	2.151	Panteras 9, Lanceiros 7, Punho 6, Empreendimentos 5, peles 9, Caribenha 5, importam 5, alemã 5, afetividade 6, homicídios 7, majoritariamente 10, empreendedores 11, particularmente 7, movimento 83, candidaturas 7, população 100, juventude 15, mulher 162, comunidade 37, candidatos 13
Branc*	452	IDHM 7, preto 7, candidatos 5, homem 15, média 6, homens 17, % 26, negros 36, entre 26, mulher 18, dos 31, os 47, mulheres 25, e 148

Fonte: elaboração da autora

Quando são examinados os colocados das palavras *mulher*, *mulher negra*, *mulher branca* e *mulher\**, fica explícito que a Revista Raça vem traçando um discurso muito diferente das outras duas revistas, tratando de afetividade, reconhecendo a importância das mulheres caribenhas na luta contra as opressões de gênero – inclusive, o uso recorrente da palavra “caribenha” (5) remete ao Dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha, que é um marco histórico na luta pelo reconhecimento e respeito das mulheres negras. Conforme uma análise mais minuciosa é empreendida, vê-se que *mulher branca* não possui nenhum colocado. Além disso, notamos que questões relacionadas à sexualidade aparecem apenas nos colocados de *mulher\** – e são apenas dois vocábulos: “trans” (8) e “homossexuais” (7). É também ali que há a única ocorrência que remete à opressão: o termo “violência” (16).

Já o grupo composto por *homem*, *homem negro*, *homem branco* e *home\** possui poucos colocados – inclusive, *homem negro* não possui nenhum e *homem branco* possui apenas o artigo “um” (10). À medida que são investigadas as co-ocorrências mais

significativas, é flagrante que a revista trata da masculinidade a partir apenas do viés racial, havendo apenas um termo que alude à performances da sexualidade: “homossexuais” (6).

As palavras que evocam a temática racial são as que apresentam menos surpresas. Levando em consideração que o periódico analisado agora é voltado para o público afro-brasileiro e para a exaltação deste, são abordados os mais diversos assuntos relacionados à *negr\**: “empreendimentos” (5), “afetividade” (6), “homicídios” (7), “candidaturas” (7), “população” (100). Já os termos relacionados à *branc\** – “IDHM” (7), “preto” (7), “candidatos” (5), “homem” (17), “mulheres” (25) – mostram que há uma explícita associação à cor da pele e que a branquitude só figura como interesse das reportagens quando é para explicitar uma diferença frente à negritude, nomeando-a.

Considerando os colocados das três revistas, é notável que existem assuntos em comum. Os panoramas traçados para cada uma revelam que a Marie Claire vem buscando trazer uma discussão acerca dos debates atuais, explicitando as problemáticas que envolvem questões de gênero, raça, classe e sexualidade. Isso está em comunhão com o que é proposto pela revista, a qual busca trazer entretenimento, política, saúde e relacionamentos sob um viés informativo e atualizado. Já a GQ, que sempre esteve engajada em funcionar como um guia para o homem contemporâneo, mostra que está construindo um espaço voltado para questões que ampliem o conceito de masculinidade e suas tensões, mas sem se atentar tanto para questões raciais. A Raça mostra que está fiel à sua proposta de tratar da negritude, abrangendo temáticas importantes e emancipatórias para a população negra, mas sem dar tanta atenção para questões de sexualidade, as quais precisam ser abordadas de forma saudável para que se contemple a população afro-brasileira, que sempre foi obrigada a desenvolver uma relação com essa temática mediada pela imaginação branca.

Conforme olhamos para os discursos que rodeiam as mulheres negras, vemos que a Marie Claire possui um discurso que visa transmitir informações, mas elencando palavras com teor negativo, que remontam discussões acerca de marginalização, pobreza e solidão. Já a GQ mostra que não versa acerca dessas mulheres, apagando-as do debate, pois são aquelas que não possuem designação e desaparecem dentro de um grande grupo (YOUNG, 1996 apud KILOMBA, 2019). Dessa forma, percebemos que há uma reiteração do que já foi apontado: discursos que tratam das relações entre raça e gênero acabam ou apresentando estereótipos – como hipersexualização, discriminação e criação de uma narrativa de superação a partir da exposição de traumas – ou tendendo para a invisibilização. A Raça, que é voltada para o público negro, traz um panorama inverso ao proposto pelas outras duas revistas: há informação sendo transmitida, como pode ser visto pelo uso de palavras como “caribenha”,

“internacional” e “africanas”, as quais ilustram diversidade e promoção de conhecimento acerca de outras culturas, mas não por associação de palavras negativas. Temos afetividade, ao invés de solidão, por exemplo.

Isto posto, agora será explorado de forma mais minuciosa como a inserção de debates acerca de raça e gênero estão aparecendo nas matérias desses periódicos, focando no cruzamento entre discurso e corpo para a construção dos sujeitos, em especial da mulher negra.

#### **4. ANÁLISE DA AMOSTRAGEM REDUZIDA**

Com o auxílio da Análise Crítica do Discurso Multimodal, serão analisadas três matérias que possuem como foco mulheres negras, sendo todas oriundas de entrevistas. A primeira, publicada pela GQ em 2016, traz a atriz Taís Araújo. A segunda, publicada pela Revista Raça também em 2016, tem um bate-papo com a cantora Preta Gil. Por último, a reportagem publicada pela Marie Claire, em 2019, conta com a escritora, teórica e artista interdisciplinar Grada Kilomba. Como pode ser observado, todas artistas, mulheres e negras. A escolha por anos diferentes ocorre pois o intuito é mostrar como essa parcela da população estava sendo retratada em 2016, ano em que os debates sobre raça e gênero ainda eram insurgentes, e se houve alguma mudança com o passar dos anos. Além disso, será possível observar como, dentro de um mesmo ano, há diferenças no jornalismo voltado para homens e no jornalismo voltado para pessoas afro-brasileiras.

##### **4.1. 2016: “Taís Araújo é a mulher do ano em 2016: “Mais discurso do que bunda””**

Em dezembro de 2016, uma breve matéria intitulada “Taís Araújo é a mulher do ano em 2016: “Mais discurso do que bunda”” foi escrita pelo redator Ricardo Franca Cruz, homem e branco, e publicada no site da Revista GQ Brasil. Como afirma o título, a atriz havia sido considerada “a mulher do ano”. Isso significa que a mesma tinha ganho o prêmio homônimo que é dado pela GQ durante o evento Men of the Year, no qual diversos homens são premiados – levando em conta sua relevância para áreas como literatura, artes e ciência, entre outras – e, em meio a isso, uma mulher também é escolhida, considerando sua relevância geral para o público.

Já no título, temos um trecho de uma fala da atriz sendo mobilizada, na qual ela afirma ser mais discurso do que bunda. Como é sabido, mulheres negras são constantemente associadas a essa parte do corpo e à sexualidade. De acordo com hooks (2019), há, na sociedade, um fascínio por bundas de mulheres negras. A autora continua ao afirmar que “na iconografia sexual da tradicional imaginação pornográfica negra, a bunda saliente é vista como uma indicação de uma sexualidade exacerbada” (HOOKS, 2019, p. 130). Ou seja, em sua fala, Taís já tenta se afastar desse local comum no qual o machismo e o racismo insistem em colocar as mulheres negras. Contudo, ao recortar apenas esse trecho e colocar no título, a bunda, a despeito do intuito da atriz, segue sendo assegurada como um dos temas predominantes da matéria.

O autor começa o texto com o seguinte parágrafo:

Depois de um dia de gravação, Taís Araújo entra Michele no camarim montado na mansão da Barra que serve de locação para a série Mister Brau – **fêmea alfa, figurino gritante, curto e colado**, high heels, **uma peruca cacheada de vida própria**. E sai Taís – **elegante, discreta**, calça de alfaiataria, blusa de seda e bolsa de couro em tons claros, sandálias de corda e jaqueta bomber. **Os cabelos presos num coque**. Sempre com o celular na mão, checando mensagens e redes sociais, no caminho até o carro. (CRUZ, 2016, grifos meus).

A reportagem, então, parte de uma classificação do ator social através da nomeação – Taís Araújo. Ainda nesse primeiro trecho, é criada uma intimidade quando ele se refere a ela como Taís, já que o sobrenome da atriz não será utilizado novamente. Além disso, em momento algum o recurso da funcionalização será empregado, visto que o termo “atriz” não é utilizado para aludir a ela. Esse senso de informalidade também se confirma no estilo conversacional que é empregado durante todo o texto. Visando se colocar como alguém próximo do público, o jornalista irá descrever a atriz como “nossa musa maior de 2016”. O uso do pronome possessivo em primeira pessoa do plural cria esse senso de compartilhamento de opinião e de posicionamento perante a entrevistada.

A partir das escolhas lexicais feitas pelo autor, é possível ver uma oposição estrutural sendo criada, dado que duas imagens de mulher negra são estabelecidas: há aquela que usa roupas curtas, gritantes e o ‘cabelo com vida própria’ e, em seguida, temos aquela que é considerada elegante, discreta, bem vestida. Observamos que poucas oposições diretas são criadas, pois a ideia de fêmea alfa não é rebatida pela ideia de fêmea beta, por exemplo. Contudo, todas as descrições seguem uma mesma organização: primeiro é apresentada a mulher, depois as roupas e, por fim, o cabelo. Sendo assim, a ideia de “fêmea alfa” que é relacionada à Michele, personagem da série Mister Brau, pode ser entendida como a mulher que não é “elegante” e “discreta”. As roupas de Taís não são adjetivadas, apenas descritas,

mas levando em consideração a ideia de oposição aqui estabelecida, a dela é o que pode ser considerada bonita, distinta, exemplar. Por fim, a ênfase dada aos cabelos é perceptível. O cabelo da personagem é descrito como cacheado e “tendo vida própria”, o que indexicaliza uma ideia de desordem. Já os da atriz estão em um coque, o que traz a ideia de organização.

A questão do cabelo é mais profunda e problemática do que parece. Essa ideia de um cabelo ‘com vida própria’ é um discurso comum que atrela cabelos cacheados e crespos a ideia de selvageria. Conforme pontua Kilomba,

[h]istoricamente, o cabelo único das pessoas *negras* foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e usado para justificar a subordinação de africanas e africanos (Banks, 2000; Byrd e Tharps, 2001; Mercer, 1994). Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. (KILOMBA, 2019, p.127)

É sabido que algumas formas de controlar o cabelo dos afrodescendentes eram postas em prática. Tínhamos os alisamentos e, também, os penteados que tiravam as características desses cabelos. Apesar das ressignificações, o coque era e ainda é um deles, pois amarrar os cabelos é também uma forma de mantê-los de acordo com o que a sociedade branca considera ‘arrumado’ (COSTA LAGE e SOUZA, 2017). Dessa forma, percebe-se que o discurso empregado pelo jornalista indexicaliza um Discurso mais amplo e sedimentado na sociedade que regula corpos negros de forma a garantir que eles não apresentem muitos sinais de negritude (KILOMBA, 2019).

A matéria da GQ prossegue trazendo um rápido apanhado dos trabalhos de Taís ao mencionar que ela foi a primeira protagonista negra de uma produção contemporânea da Globo, em 2004, e que isso foi sete anos após ela interpretar Xica da Silva na falecida TV Manchete. Ao falar sobre esse último papel, é perceptível que a atriz segue tentando fugir desse local de mulher negra hipersexualizada, dado que ela afirma que “[...] tinha 17 anos, era uma menina virgem ainda!”. Contudo, como é possível ver nas imagens veiculadas pela matéria, as tentativas da atriz não foram levadas em consideração.



IMAGEM 1

A imagem denota – ou seja, apresenta – Taís Araújo em frente a um fundo branco. Contudo, ela comunica muito mais do que apenas isso: vemos uma mulher negra sendo hipersexualizada através do uso de diversos elementos. Seu olhar, sua postura, a (falta de) sua roupa, os acessórios e o enquadramento da foto foram escolhas deliberadas que visavam representar a atriz como sexualmente provocativa, sedutora e irresistível para o público masculino da GQ.

Taís olha diretamente para o espectador. De acordo com Machin e Mayr (2012), tal olhar possui duas funções: por um lado, cria uma forma de endereçamento visual, pois o espectador é reconhecido. Por outro lado, é usado para fazer algo com o espectador, criando uma “imagem de demanda” (KRESS and VAN LEEUWEN, 1994 apud MACHIN e MAYR, 2012), a qual “[...] pede algo ao espectador em uma relação imaginária, para que ele sinta que sua presença é reconhecida e, assim, como quando alguém se dirige a nós em uma interação social, é necessário algum tipo de resposta.” (MACHIN e MAYR, 2012, p.71).

Os olhos levemente fechados passam uma ideia de sedução, ainda mais quando associados à boca entreaberta. Contudo, não há uma ideia de boas vindas, de que é possível uma aproximação, pois a pose da atriz conota alguns valores: como ela está com os braços ao redor do próprio corpo e uma perna cruzada na frente da outra, há um reforço da sensualidade,

mas também é estabelecida uma distância. Ela não é alguém que pode ser tocada, mas sim alguém que pode ser contemplada e desejada de longe.

O plano médio da fotografia conota a atuação de Taís e também para que os leitores vejam o que ela (não) está vestida. Novamente, a hipersexualização está sendo evocada: a atriz usa apenas uma calcinha preta e acessórios – brincos, pulseiras e anéis. O cabelo solto e volumoso, o qual foi criticado e atrelado à ideia de selvageria durante o texto, também ajuda a criar o sentido que está sendo veiculado, visto que a erotização do sujeito negro conta com essa concepção de um apetite sexual *violento* (KILOMBA, 2019), animalesco, selvagem.



IMAGEM 2



IMAGEM 3

Apesar de todas as três fotografias denotarem a mesma coisa, a atriz Taís Araújo, elas também conotam discursos semelhantes, porém singulares. Como é possível ver, as outras duas imagens apresentadas reforçam a ideia que foi analisada na primeira. Em ambas, Taís Araújo segue aparecendo com pouca ou nenhuma roupa. O enquadramento médio segue sendo utilizado, para que vejamos sempre o que ela está vestindo e suas poses. Na imagem 2, em que ela está com mais peças de roupa, há um fundo que evoca a natureza, trazendo uma associação entre mulheres negras e primitivismo que é usual na mídia. O cabelo sempre solto e volumoso mantém a ideia de mulher selvagem, cheia de apetite sexual. Na imagem 3, a ausência de roupa somada ao corpo de Taís apenas tapado por uma coberta chega ao ápice da hipersexualização: o inuito é permitir acesso ao corpo dela e introduzir elementos que fazem parte da cama, local associado ao sexo. Contudo, para não ficar tão explícito, o fundo é uma escadaria branca.

Toda a matéria deixa claro que o olhar branco masculino está permeando a construção discursiva empregada, trazendo termos e fotos que concebem a atriz a partir do que a branquitude acredita que ela seja. Ao mesmo tempo em que Taís é descrita como o exemplo da negritude, sendo discreta e elegante, as imagens reproduzidas reiteram que, apesar de

determinado aceite por parte da branquitude, ela sempre vai ser relegada e construída a partir do local comum que o racismo e o sexismo a puseram.

#### 4.2. 2016: “Preta Gil fala sobre discriminação por causa do seu corpo”

A matéria sobre Preta Gil, escrita por Maitê Freitas, mulher e negra, e publicada pela Revista Raça em outubro de 2016, também traz o corpo figurando como elemento de destaque já no título da matéria. Todavia, diferentemente da reportagem da Marie Claire, não há um enfoque sexualizante, o que se comprova no texto apresentado pelo periódico.

A organização visual do artigo segue um padrão diferente do que já foi visto, pois não começa com o texto, mas sim com a seguinte foto:



IMAGEM 4

De acordo com os conceitos semióticos de Barthes (1973, 1977 apud MACHIN e MAYR, 2012), podemos dizer que a foto denota uma mulher – a Preta Gil. Já quando é observado o que ela conota, é possível afirmar que a imagem comunica alguns valores e conceitos, como a sensualidade e um tom carnavalesco. Conforme a pose e o olhar são analisados, ocorre a confirmação dessa conotação, visto que Preta está com os olhos semicerrados e a boca levemente aberta, construindo a sedução. Um jogo está sendo estabelecido entre ela e o leitor através da imagem de demanda (*demand image*) (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996 apud MACHIN e MAYR, 2012) – ao olhar diretamente para a câmera, há um reconhecimento do espectador e a requisição de uma atitude por parte dele. Entretanto, é um jogo de desejo construído no olhar, não no corpo e na ideia de sexualidade

desviante (HOOKS, 2019) que costuma ser associada à mulheres negras. Não há uma conotação sexual e erótica sendo evocada, e isso ocorre pois as escolhas como enquadramento da fotografia, fundo e roupas ajudam a delimitar o que está sendo construído.

A escolha por um *close* do rosto de Preta vai de encontro ao costumeiro uso do corpo como tática de venda e de exploração de um *sex appeal* (MARTINS, MARQUES, FREITAS e DEPEXE, 2019). Segundo Machin e Mayr (2012, p.97), “close-ups são usados quando pretendemos imaginar a mulher como agente dos sentimentos expressos no texto”. Como é dito durante a entrevista, a cantora agora se considera “[u]ma mulher de quase quarenta anos que viveu a primeira metade da vida intensamente, amadureceu a cada ano. Uma mulher que soube viver todas as experiências de maneira bem vivida. Mãe, filha, empresária, artista, negra e guerreira, que aprendeu a respeitar tudo.” Não há dúvidas de que ela está segura de si, de seu trabalho e de sua beleza – o que é visto também na fotografia escolhida.

A roupa brilhosa e o adereço na cabeça, os quais aludem ao carnaval, também ajudam a pensarmos na contraposição entre o discurso acerca das mulheres negras que é sedimentado na sociedade e o que está sendo veiculado pela Revista Raça. De acordo com Lélia Gonzalez, a figura da “mulata” é reiterada no imaginário brasileiro a partir do entendimento de que mulheres negras são “produto de exportação”. A autora prossegue afirmando que “[e]sse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo [...]” (GONZALEZ, 2020b, p.44). A correlação entre o carnaval e a hipersexualização do corpo negro é estabelecida através da ideia de desejo sexual e acesso a tais corpos – a Globeleza foi um exemplo clássico de como essa ideia era veiculada pela mídia. Todavia, na imagem analisada, é perceptível que uma associação diferente está sendo utilizada. Temos a sensualidade e o carnaval relacionados, mas sem a hipersexualização do corpo.

Logo abaixo da fotografia, o texto se inicia com a frase “Preta Maria Gadelha Gil Moreira, também conhecida por Pretinha, Nega, Maria ou simplesmente Preta Gil, aos 39 anos, mostra a que veio e que não é só uma cantora que pegou carona na carreira do pai, o músico Gilberto Gil”. Ao elencar todo o nome da cantora, temos uma apresentação a partir da nomeação, uma das estratégias de apresentação de atores sociais possíveis (MACHIN e MAYR, 2012). Em seguida, são listados os apelidos da mesma, o que cria uma sensação de intimidade entre o leitor e quem está sendo entrevistado, visto que ele passa a possuir acesso a formas com que apenas pessoas próximas chamam a artista. Dessa maneira, percebemos que a

autora faz escolhas lexicais que reafirmam o tom conversacional e intimista que vem sendo utilizado nas revistas de *lifestyle* (MACHIN e MAYR, 2012).

A frase “não é só uma cantora que pegou carona na carreira do pai” indexicaliza discursos negativos e estereotipados que eram veiculados pela mídia sobre Preta Gil. Inclusive, ainda no primeiro parágrafo, é dito que ela sabe dividir, o que vem “[...] contrariando todos os boatos de que não passa de uma mimada”. É perceptível que estamos frente a uma figura pública que sofreu com críticas e agressões acerca de sua personalidade. A própria artista afirma que “[a]lguns veículos da imprensa criaram essa “Preta Polêmica”. Precisamos, no entanto, racializar a questão, pois é sabido que mulheres negras sofrem com críticas desproporcionais a seu comportamento. Dessa forma, a atitude da Revista Raça de, através de escolhas discursivas, ironizar e dismantelar essas estereotipizações é política.

Em outro momento, a autora da reportagem declara que Preta “[...] abalou os moralistas de plantão ao posar nua, dar entrevistas assumindo experiências bissexuais e ter um corpo que fugia dos padrões de beleza”. Ao optar pelo termo “moralistas de plantão” ao invés de, por exemplo, “parcela mais conservadora da sociedade”, a repórter se posiciona sociopoliticamente, expondo suas motivações. Logo, é criada uma ideia de oposição, dado que ela se situa contrariamente aqueles que criticam, ou seja, os que se sentem afrontados por uma mulher negra exercer pleno controle sobre seu corpo e sua sexualidade.

Ainda nesse trecho, é notável que a ideia de corpo e padrões de beleza é trabalhada. Vemos, então, que a questão do corpo perpassa toda a reportagem, partindo das fotos e refletindo nas escolhas lexicais mobilizadas durante a matéria. O conceito de padrões de beleza é muito trabalhado, visto que Preta é descrita como possuidora de “um corpo que fugia dos padrões de beleza” e sendo uma ativista que “levanta a bandeira em defesa da não-padronização do corpo feminino, lançando campanhas de moda ‘plus size’”. Há uma crítica implícita a esse padrão sendo transmitida. Porém, apesar de estar alinhada com um discurso progressista sobre corpos gordos, a autora acaba por, através da escolha de suas palavras, mostrar resquícios de sua gordofobia.

Observamos que, nos trechos expostos no parágrafo anterior, há uma espécie de Outridade (HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019) sendo explicitada, pois o corpo gordo está sendo caracterizado sempre frente ao que pode ser considerado o “padrão normal”. Inclusive, essa é uma produção discursiva que incomoda a própria cantora, visto que, em determinado trecho da entrevista, a repórter afirma que Preta tem um corpo que “foge dos padrões”, ao que a cantora responde que “[t]enho o *corpo da mulher brasileira*, um corpo com curvas, com volume, um *corpo natural e não pasteurizado*. Essa história de plus size é muito louca,

quando você percebe que tem um *corpo natural* e ser o que é não tem espaço no mercado” (grifos meus). É perceptível que, nessa resposta, ela repete duas vezes que possui um corpo natural, buscando construir o sentido de que seu corpo é normal como o de qualquer outra pessoa e indo de encontro ao que é dito pela repórter.

Em outro momento, a autora afirma que o público de Preta “[...] inclui gays, lésbicas, magros, *gordinhas*, heterossexuais, e vai da classe alta carioca ao subúrbio”. Aqui, é inegável que há uma diferença de gênero na oposição estrutural “magros” e “gordinhas”, o que transmite a concepção de que apenas mulheres são gordas, como se homens gordos não existissem e não consumissem a arte de Preta Gil. Além disso, o sufixo -inhas empregado apenas em *gordinhas* é uma escolha lexical que busca diminuir o impacto de ser gorda, como se “gordinhas” fosse menos pejorativo que ser “gordas”.<sup>20</sup> Como ser magro é ser “normal”, não há uma tentativa de suavizar essa palavra.

No excerto “[a] cantora que, levanta várias bandeiras em prol das mulheres, das *gordinhas*, dos negros e dos homossexuais (...)”, novamente temos o gênero feminino e o diminutivo figurando na construção de pessoas gordas, transmitindo valores da repórter. Inclusive, é perceptível que uma relação por hiperonímia – aquela que ocorre entre uma palavra de sentido mais genérico e outra de sentido mais específico (CAVALCANTE, 2010) – sendo construída entre as palavras mulheres e *gordinhas*. Nesse contexto, é possível afirmar que a relação é extremamente problemática, pois veicula a ideia de que mulheres gordas não são consideradas mulheres e, quando são, é como se fossem uma subclasse.

Durante a matéria, outra imagem da cantora é veiculada:

---

<sup>20</sup> Essa discussão, inclusive, vem ganhando protagonismo no movimento anti-gordofobia e sendo pauta de matérias publicada em grandes veículos de comunicação, como no site UOL <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/30/gordofobia10-frases-preconceituosas-que-as-pessoas-falam-sem-perceber.htm>>. Além disso, a vontade por normalizar o uso da palavra gorda resultou na publicação do livro *Gorda não é palavra* (RODRIGUES, 2017)



IMAGEM 5

A segunda imagem também traz Preta Gil olhando direto para o espectador, mais uma vez estabelecendo a já mencionada relação de reconhecimento e demanda (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996 apud MACHIN e MAYR, 2012). A opção pelo close médio, conforme pontuam Machin e Mayr (2012, p.97), ocorre pois é importante que o leitor veja a roupa que a cantora usa e também conota sua atitude frente ao ambiente em que está posicionada. Preta está com um body preto, ligeiramente transparente e com um leve decote, adornada de elementos carnavalescos como plumas e um adereço na cabeça. Com um sorriso, somado aos braços abertos, a cantora parece convidar o leitor a se sentir bem recebido em seu carnaval particular, o que remete ao seu famoso Bloco da Preta. Como foi visto na análise da primeira imagem, a Raça se preocupou em difundir um novo discurso que conecta as mulheres negras ao carnaval. Novamente, não há uma hipersexualização, apenas alegria, receptividade e pinceladas de sensualidade.

A matéria publicada pela Revista Raça possui pontos positivos e negativos. Como estamos falando de um artigo feito por uma mulher negra e para uma revista socialmente engajada, que possui como público-alvo a população afro-brasileira, não há estereótipos raciais sendo reproduzidos, mas sim destruídos. Temos um olhar negro retratando uma pessoa negra e combatendo a construção que o olhar branco disseminou pela sociedade. Isso está em consonância com a proposta da mídia negra, que é de resistir ao poder da branquitude e criar novas formas de se pensar o que é ser um sujeito negro.

É perceptível que há uma propagação de um novo discurso que une as mulheres negras ao carnaval, mas dessa vez com respeito e apreciação a essa cultura negra brasileira.

Os discursos que construíam Preta Gil como uma mulher difícil, raivosa, mimada e sem talento também são desmantelados. Contudo, frente à questões de gordofobia, a autora, apesar de estar em comunhão com um discurso mais progressista que busca promover o amor próprio, peca ao, através de suas escolhas lexicais, reproduzir associações negativas.

#### **4.3. 2019: “Grada Kilomba: a luta contra o racismo e o colonialismo que se debruça sobre suas obras”**

Por último, será analisada a matéria sobre Grada Kilomba, escrita por Adriana Bechara, mulher e branca, e publicada em setembro de 2019 pela revista Marie Claire. Antes de mais nada, é preciso pontuar que este artigo foi publicado em um momento sociopolítico diferente de 2016, quando as outras duas matérias foram publicadas. Em 2019, o debate acerca de questões raciais e de gênero já estava consolidado em diversas esferas da sociedade: tínhamos os mais diversos livros sobre as temáticas sendo publicados no Brasil, as discussões tomavam as redes sociais e as mídias estavam cada vez mais inserindo essas questões em suas publicações. Inclusive, uma das autoras que estava vindo ao país para falar sobre colonialismo, racismo e sexismo era Grada, que ainda hoje figura como um dos principais nomes que tratam e denunciam o racismo cotidiano e genderizado. Contudo, apesar dos avanços, é sabido que o racismo seguia e ainda segue intrínseco às práticas discursivas. Sendo assim, serão observadas questões sobre a temática, mas elas com certeza não estarão tão explícitas quanto as que foram vistas na matéria publicada pela GQ, por exemplo.

Já no *lide*, que fica situado abaixo do título e traz as informações básicas sobre a matéria visando atrair o leitor, é possível ver que a construção do ator social (MACHIN e MAYR, 2012) é feita por escolhas lexicais diferentes das que vimos até o momento:

Um dos mais importantes nomes da criação contemporânea, celebrada tanto no meio artístico como na academia, ela é a grande atração da Feira Literária de Paraty. Também neste mês, desembarca em São Paulo uma exposição com suas instalações. A Marie Claire, ela contou com exclusividade os detalhes de sua trajetória. (BECHARA, 2019)

Ao optar por não repetir o nome de Grada, que já está explícito no título, a autora da reportagem inicia seu texto funcionalizando a artista ao descrevê-la através de termos que referenciam seu trabalho (MACHIN e MAYR, 2012).

No primeiro parágrafo, após a artista afirmar que não gostaria de ser descrita a partir de uma perspectiva que a vitimize, Adriana Bechara, autora da reportagem, afirma que Grada possui uma “fala baixa e suave”. Ao adjetivar a fala, um juízo de valor está sendo posto em prática, pois, por ela falar baixo e suavemente, há uma indexicalização das concepções de educação e elegância sendo posta em curso. Dessa forma, temos um afastamento entre a entrevistada e os sujeitos negros que, através do racismo, foram construídos como agressivos, e, em especial, da mulher negra, que é descrita como “barraqueira” sempre que tenta impor seus limites. Contudo, ainda nesse parágrafo, após afirmar que “[p]ar ver minha biografia reduzida ao corpo, à beleza, ao sofrimento, e à dificuldade, prefiro não dar entrevista.”, Grada é descrita apenas com um adjetivo, o qual fica isolado entre pontos: “Firme”. Nota-se que o enfoque dado à suposta firmeza da artista perpassa uma ideia de intransigência e inflexibilidade, como se suas demandas e críticas ao jornalismo brasileiro, que retrata mulheres negras sob um viés estigmatizante, fossem um capricho.

Em seguida, é exposta uma imagem da artista:

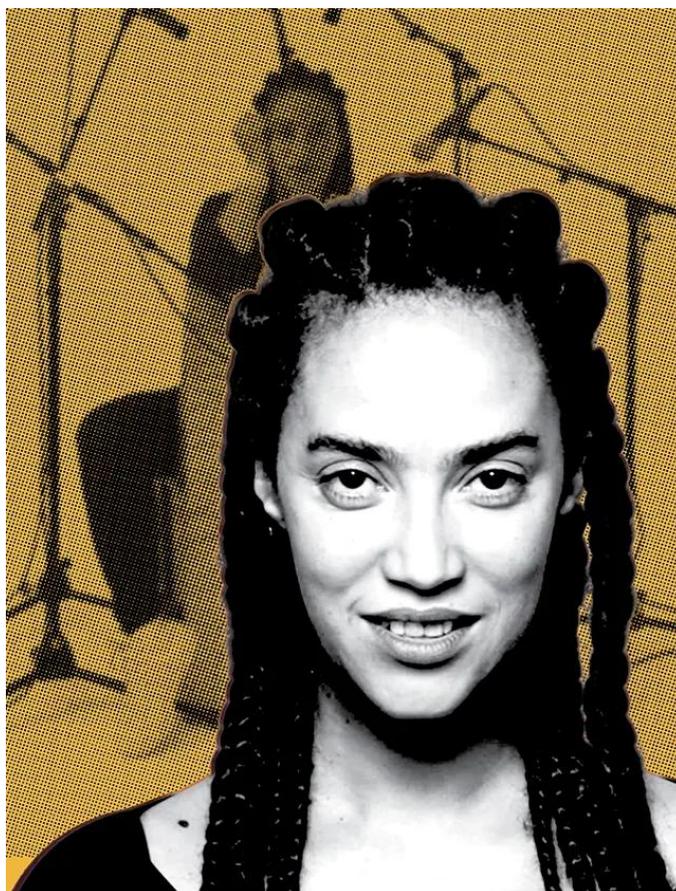


IMAGEM 6

A imagem denota (BARTHES, 1973, 1977 apud MACHIN e MAYR, 2012) uma mulher – Grada Kilomba. No fundo, a mesma mulher aparece sentada e cercada por microfones. Quando olhamos para a conotação da imagem, percebemos que diversos valores estão sendo evocados: primeiramente, Grada é uma mulher negra que está olhando diretamente para o leitor, com um leve sorriso. É feito um close fechado e sua imagem está em preto e branco, o que conota seriedade. Ao fundo, a mesma aparece em um ambiente cercado por microfones, o que a coloca como pessoa que irá falar, tendo centralidade. A sobreposição de preto e branco ao amarelo cria um efeito interessante, gerando um enfoque para a imagem da frente.

A reportagem prossegue com uma breve biografia da entrevistada, informando que ela nasceu em Lisboa. É dito que “[s]eus avós eram de colônias portuguesas como Angola e São Tomé e Príncipe.” Tal informação acaba por ser desnecessária, mas, ao mesmo tempo, é sabido que ela foi veiculada para que se ateste a negritude da artista, marcando sua ancestralidade africana e evocando um passado de escravidão e dor. Inclusive, tal prática foi deununciada no livro *Memórias da plantação*:

O passado retorna na forma de perguntas invasivas: “Mas e seus avós, de onde são? E seus bisavós?” O atrevimento dessas perguntas reside no fato de que elas invocam um passado traumático de ruptura e perda, um passado que ainda define aquelas e aqueles da Diáspora Africana como identidades fraturadas. Isso revela como o passado está intimamente ligado ao presente.” (KILOMBA, 2019, pp.181-182).

Dessa forma, Grada é apresentada como uma pessoa não pertencente à Europa. O parágrafo prossegue da seguinte forma:

Ao mesmo tempo que crescia, percebia o quanto este mundo não era feito para ela, não falava dela, de sua família, de suas origens. Uma vez, gripada, aos 14 anos, em uma consulta médica, o doutor a convidou para limpar sua casa no Algarve. Poderia cozinhar, lavar as roupas da 3/4 família, fazer a faxina e, no tempo livre, ir à praia. Grada não conseguiu responder, saiu e vomitou no meio da rua. **Episódios cotidianos e violentos como este, afirma, constelam a vida inteira de uma pessoa e podem até levá-la ao suicídio.** Não no caso dela. (BECHARA, 2019, grifo meu).

Apesar de ter pedido para não ser vinculada ao sofrimento, a autora da matéria ignorou isso ao trazer um acontecimento traumático que permeou o entendimento de Grada enquanto mulher e negra. Contudo, é interessante notar que a questão racial não é explicitada em momento algum desse excerto. Inclusive, no trecho em que é dito que “[e]pisódios cotidianos e violentos como este, afirma, constelam a vida inteira de uma pessoa e podem até levá-la ao suicídio”, parece que Grada está falando como se qualquer pessoa sofresse com esses

episódios cotidianos e violentos, sendo que a autora pontua tanto em seu livro quanto em todas as suas entrevistas que tais episódios são de racismo cotidiano e permeiam as vivências de sujeitos negros. Por isso, ao suprimir os termos “racismo” e “negra”, o contexto é modificado. Não são todas as pessoas que passam por experiências assim.

A reportagem prossegue trazendo informações acerca do trabalho acadêmico e artístico de Grada, além de promover o lançamento de seu livro no Brasil, sua participação na Festa Literária de Paraty (FLIP) e a data da exposição multimídia individual da artista, que ocorreu na Pinacoteca de São Paulo. Em seguida, é dito que “[a]inda tomada pelo sucesso retumbante da sessão de autógrafos de seu livro, na noite anterior, ela estava descontraída e feliz de voltar à capital alemã em poucas horas, onde vive com o marido, o ator alemão afrodescendente Moses Leo, e seus dois filhos, de 5 e 7 anos.”. Essa apresentação de sua família e de seus sentimentos é feita visando criar uma proximidade entre os leitores e Grada, visto que entramos em uma dimensão mais particular de sua vida, enxergando-a como mãe e esposa, não somente como o nome que está tomando todo o cenário internacional.

Próximo ao fim da matéria, é relatado que dois pedidos foram feitos pela autora. O primeiro é “[a] estética e o design são muito importantes para mim. Queria ter duas fotos em tamanho A4. Prefiro que cortem o texto para valorizar as imagens”. Dessa forma, percebe-se que as imagens trabalhadas e tomando um espaço considerável do layout do texto ocorreram a pedido da artista.

O segundo é aquele que já foi pontuado no começo da matéria: “que sua biografia não a resumisse a uma mulher negra que venceu na vida. Afinal, ela é muito mais que isso.”. É perceptível que a matéria opta por ser redundante, dando enfoque às críticas de Grada quanto ao jornalismo brasileiro, visto que ainda é veiculado que a mesma disse que “[q]uando fui fazer os press releases do livro e da minha exposição no Brasil, tive que alertar sobre tudo isso. Aqui na Europa eles escrevem que eu sou professora, que fiz isso ou aquilo naquele museu. É completamente diferente”. Tal redundância ocorre para que fique visível que seus pedidos foram acatados e que a matéria publicada pela Marie Claire se afasta desse jornalismo estereotipante e pequeno que não sabe como retratar mulheres negras se não for pelo viés da pena ou da hipersexualização. Contudo, como foi possível ver nas escolhas lexicais e semânticas aqui analisadas, a autora do texto reproduz um racismo velado e cotidiano que projetou a imagem de Grada através de um olhar branco.

A reportagem se encerra com uma segunda imagem:



IMAGEM 7

Aqui, vemos que a justaposição feita na primeira imagem veiculada na matéria foi invertida, tendo a artista rodeada de microfones em destaque e em preto e branco, e o close de seu rosto como fundo amarelado. É interessante que a matéria acabe assim, pois o que essa imagem conota é que Grada Kilomba vai falar e deve ser ouvida, não subalternizada. No entanto, durante a reportagem, seus desejos foram silenciados e imagens introjetadas de racismo foram apresentadas através do exercício de poder da branquitude, que está acostumada a só ouvir o que lhe convém e a representar as pessoas negras da forma que o olhar branco delas está habituado. É interessante pontuar que, diferentemente do olhar branco masculino, que hipersexualiza as mulheres negras, aqui vemos como o racismo opera a partir do olhar de uma mulher branca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi produzido para que se pudesse problematizar as diferentes construções de corpos brancos e negros feitos pela mídia, em específico o da mulher negra, ao longo do tempo. Ao escolher três revistas – Marie Claire, GQ e Revista Raça – que são voltadas para públicos-alvos diferentes, pudemos entender como os nichos ditam a forma com que as discussões contemporâneas são transmitidas. Além disso, o recorte temporal (2016-2020) possibilitou que vissemos como o aumento de debates no dia a dia e nas redes sociais influenciou nas matérias e na linguagem empregada. Dessa forma, ficou visível que a sociedade forma a mídia, na mesma medida em que é formada por ela.

Para conseguirmos responder às perguntas de pesquisa, abordamos como o jornalismo vem, desde sempre, influenciando as relações que perpassam corpo, linguagem, gênero e raça. Sendo assim, no primeiro capítulo, foi feito um levantamento de pesquisas nacionais e internacionais que tratavam de mídia, raça e gênero, para que pudéssemos entender em que ponto da discussão nos encontramos e quais resultados já foram observados. A partir deles, pudemos ver quais padrões apontados ao longo das décadas ainda se mantêm na atualidade e entender conceitos como exotificação do corpo negro, democracia racial, subalternidade, associação entre brancos e normalidade.

No segundo capítulo, observamos como os três periódicos selecionados são construídos a partir de ideais diferentes, quais são as concepções que sustentam cada periódico e quais foram as ferramentas metodológicas utilizadas para investigar o corpus. Entendemos, então, que o campo da Linguística Aplicada INdisciplinar rege os princípios aqui postos em prática e como eles influenciam na análise empreendida. Além disso, explicitamos a importância da metodologia quali-quantitativa para a investigação das relações de poder, o discurso midiático e as imbricações entre raça e gênero. Os conceitos de indexicalidade, análise lexical e análise semiótica foram necessários para que vissemos como os discursos, os quais são constituídos por textos e imagens, sempre estão reiterando outros Discursos.

O terceiro capítulo ilustrou com mais profundidade como a análise quantitativa é necessária para que se rastreie quais são os principais assuntos tratados no corpus. Ademais, foi possível notar como as associações entre palavras ajudam a entender a abordagem dada por cada revista para as questões de raça e gênero. Vimos que a negritude está associada a algumas palavras negativas na Marie Claire, ao contrário do que ocorre na Raça, e a variados temas na GQ.

À medida que nos voltamos para os dados referentes à mulheres negras, observamos que a predisposição mencionada acima se mantém tanto na revista voltada para o público feminino quanto na voltada para o público negro, mas na revista voltada para homens há um vazio, o que expõe como tal grupo social é apagado nesse periódico. Também tornou-se perceptível que a branquitude segue figurando enquanto norma na Marie Claire e na GQ, dado que pessoas brancas quase nunca têm sua racialidade marcada.

No quarto capítulo, investigamos três matérias, sendo uma de cada periódico, para ver como, ao reduzir a amostragem, podemos identificar outros padrões. Na matéria sobre Taís Araújo, publicada em 2016, atentamos para como a GQ reproduziu o comportamento padrão de hipersexualização das mulheres negras. Já a entrevista com Preta Gil, publicada pela

Revista Raça no mesmo ano, mostra outro viés, aludindo à sensualidade de uma forma respeitosa e combatendo as ideias perpetuadas pelo olhar branco midiático que constrói corpos negros. No entanto, também pudemos ver a reprodução de outras opressões relacionadas ao corpo, mais especificamente gordofobia, durante o discurso. A reportagem sobre Grada Kilomba, publicada pela Marie Claire em 2019, mostrou que, com o passar do tempo, os discursos racistas foram se refinando mais e mais, tornando-se quase imperceptíveis.

A análise das imagens veiculadas pelas matérias supracitadas também foi importante para nosso entendimento sobre como o discurso dominante se constrói através de imagens e palavras. Foi possível analisar como olhares, posturas e enquadramentos fotográficos ajudam a conotar valores e discursos que, muitas vezes, são disfarçados pelas palavras. Posto isso, ficou claro que a Análise Crítica do Discurso Multimodal aprofundou o debate que estava sendo proposto desde o começo do trabalho, enriquecendo nosso entendimento sobre como o poder se perpetua dentro da indústria cultural e, em especial, do jornalismo.

A junção das metodologias quantitativa e qualitativa possibilitou, portanto, que analisássemos tanto os panoramas macro e micro dos discursos jornalísticos encontrados no corpus. Ao usar a Linguística de Corpus, pudemos ver quais são os principais assuntos trabalhados em cada revista, quais palavras estão atreladas a representação dos grupos sociais que interessam a essa pesquisa e, principalmente, rastrear que palavras (in)formam os discursos acerca da mulher negra.

Os dados também possibilitaram que enxergássemos em qual revista esse grupo se apresenta como figura desaparecida e em qual temos um olhar que o represente em sua plenitude. Isso foi sendo comprovado ao passo que entramos na análise das três matérias selecionadas. Ao olharmos para uma publicação de cada periódico, ficou claro que a GQ ainda estava tratando a mulher negra a partir do viés de subalternidade, o que se comprova nos dados que mostram a pouca importância que essa revista dá a elas. Já a Raça mostrou que está comprometida com o combate aos discursos estereotipados e em retratar as mulheres negras com a devida humanização que elas merecem. A Marie Claire também confirmou o que já havíamos percebido: está engajada com uma promoção de conhecimento e ampliação do debate, mas ainda enviesada por um olhar branco.

Entretanto, notamos que algumas hipóteses, como a hipersexualização da mulher negra e a mudança discursiva e representativa que ocorreu com o passar dos anos, só puderam ser confirmadas conforme olhamos para o micro, ou seja, para a amostragem reduzida do corpus. Além disso, à medida em que a Análise Crítica do Discurso Multimodal foi sendo

empregada, pudemos também entender como o discurso se constrói para além das palavras, tendo as imagens um grande impacto no que está sendo difundido. Dessa forma, a mudança de olhar analítico nos permitiu construir um panorama complexo e multifacetado sobre o que está sendo dito por essas revistas.

Conforme os dados foram analisados, ficou claro que não houve uma ruptura com os discursos racistas e sexistas que foram identificados no capítulo de revisão de literatura. Por mais que as mídias estejam atualizando seus discursos e afinando a forma com que impõe seu poder, muitos resquícios ainda são perceptíveis. Como já foi dito, a sociedade brasileira ainda é racista e, dessa forma, as revistas que não são voltadas para o público não-branco também não precisam romper com o racismo de fato, apenas disfarçá-lo cuidadosamente. À vista disso, o presente trabalho visou desnudar como o poder conferido à branquitude aparece das mais variadas formas: a partir do tratamento dos corpos brancos como sendo os padrões, a partir do nível de estereotipização que os articulistas brancos explicitam.

Foi necessário frisar a raça dos autores das matérias para que entendêssemos como o olhar branco é o que dita as relações de poder midiáticas. É preciso pontuar que tal olhar privilegia tanto homens quanto mulheres, pois constrói todos os corpos brancos como sendo sinônimos de norma, ao mesmo tempo que relega corpos negros à marginalização. No entanto, também pudemos ver que os olhares negros, ao difundirem narrativas humanas e reais sobre pessoas negras na sociedade, combatem as visões estereotipantes que são difundidas pela branquitude.

Frente a esse panorama, fica evidente que as discussões sociais precisam ser interseccionais para que as diferentes opressões sejam combatidas de fato, visto que um feminismo que não contempla questões de raça e classe é fraco, ineficaz e reproduz cisões, ao mesmo tempo que um movimento negro que não contempla questões de gênero também não entende as especificidades da mulher negra.

Com este trabalho, foi possível mostrar que a diferença de raça influencia grandemente a forma com que as pessoas são retratadas pela mídia. Nota-se que falar sobre sofrimento negro é uma escolha predominante, o que está em consonância com a sociedade, visto que a mesma só fala sobre questões raciais quando há um assassinato brutal. Dessa forma, o trauma causado pelo colonialismo ainda perdura nas construções discursivas vigentes pela mídia. Também ficou explícito que as mulheres negras ainda sofrem com a subalternização oriunda da intersecção entre sexismo e racismo: a hipersexualização e a invisibilização continuam ocorrendo.

Como foi exposto, os discursos estão ficando cada vez menos nítidos, e, por isso, compreendemos que é necessário se manter atento. Esse ‘aviso’ está em consonância com um dos objetivos deste trabalho, que é criar inteligibilidade sobre problemas da vida social, promovendo uma discussão acerca da mídia brasileira no século XXI. Evidenciamos, então, que as questões sobre gênero e raça ainda precisam ser teorizadas, pois elas nos ajudam a entender a sociedade.

Ao estudarmos os discursos veiculados pela imprensa, ficou nítido que o debate racial na mídia brasileira ainda é incipiente, se desenvolvendo e regredindo com velocidade. Nesse país, apenas o inequivocamente racista está sendo condenado – e, na maioria das vezes, nem tanto assim. Portanto, percebemos que essa pesquisa pode funcionar como motivadora para tantas outras, gerando ganchos para outras/os pesquisadoras/es que visem estudar, expor e dismantlar o olhar branco que ainda é tão poderoso dentro do jornalismo brasileiro.

Concluimos, então, que esse trabalho não se esgota aqui. Na verdade, ficam tantas outras questões: como os homens negros estão sendo construídos? Como discursos hegemônicos acerca da masculinidade afetam o debate racial? Ao compararmos a construção de homens e mulheres negros e brancos, quais padrões e quais diferenciações podemos encontrar? Aqui, encerramos este trabalho, mas não o estudo, o qual continuará sendo desenvolvido. Seguiremos sempre questionando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Sandra. **A imprensa e o racismo**. In: RAMOS, Sílvia (org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

ALMEIDA, Luiza Campo Montez de. **As virgens do pop**: o discurso de virgindade e a construção de feminilidades na cultura pop. Rio de Janeiro, 2020.

BAKER, Paul. **Using Corpora in Discourse Analysis**. London/New York: Continuum, 2006.

BAKER, Paul; LEVON, Erez. **‘That’s what I call a man’**: representations of racialised and classed masculinities in the UK print media. *Gender & Language*, vol 10, 2016, p. 106–139

BECHARA, Adriana. **Grada Kilomba: a luta contra o racismo e o colonialismo que se debruça suas obras**. Marie Claire, 12 jul. 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/07/grada-kilomba-luta-contra-o-racismo-e-colonialismo-que-se-debruca-suas-obras.html>. Acesso em: 26 mar. 2020

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**: histórico e problemática. *DELTA*, v. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Da sufixação à corporificação**: a estilização linguística do corpo na performance do desejo *bareback*. In: BORBA, Rodrigo (org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez, 2020.

BORBA, Rodrigo. **Introdução**. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez, 2020.

BRAGA, Larissa Adams; MAGALHÃES, Magna Lima. **Consumo e Identidade**: A revista *Raça Brasil* e a representação da mulher negra. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 2015, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em <[http://anaiscomunicon2015.espm.br/GTs/GT2/15\\_GT02-BRAGA%20.pdf](http://anaiscomunicon2015.espm.br/GTs/GT2/15_GT02-BRAGA%20.pdf)>. Acesso em 10 mar. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero e raça na sociedade brasileira**. In: \_\_\_\_\_. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARRERA, Fernanda. **Raça e privilégios anunciados**: ensaio sobre as sete manifestações da branquitude na publicidade brasileira. *Revista Eptic*, vol.22, nº1, jan.-abr. 2020.

CAVALCANTE, Gessivaldo F. **A COESÃO NO TEXTO JORNALÍSTICO: HIPÔNIMOS E HIPERÔNIMOS COMO AUXILIARES DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico*, 3ª edição, 2010. Disponível em: [http://faculdadedondomenico.edu.br/revista\\_don/artigo1\\_ed3.pdf](http://faculdadedondomenico.edu.br/revista_don/artigo1_ed3.pdf). Acesso em: 21 jul. 2022

CHRISTOFOLETTI, Rogério; WATZKO, Roberta Cunha. **Mulheres negras nos jornais**: exclusão, gênero e etnia. *Revista FAMECOS*, nº 39, 2009.

COSTA LAGE, Mariana Luísa da; SOUZA, Eloisio Moulin de. **Da cabeça aos pés: racismo e sexismo no ambiente organizacional**. Revista de Gestão Social e Ambiental, p. 55-72, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167, 1989.

CRUZ, Ricardo Franca. **Taís Araújo é a mulher do ano em 2016: “Mais discurso do que bunda”**. GQ, 01 dez. 2016. Disponível em: <https://gq.globo.com/Men-of-the-Year/noticia/2016/12/tais-araujo-e-mulher-do-ano-em-2016-mais-discurso-do-que-bunda.html>. Acesso em: 25 jul. 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997

DOLINSKI, Elis Maria. **As representações das mulheres nas capas da revista Marie Claire: 2007 e 2017 continuidades e desvios**. 2019. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, 2019.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. **Primavera das Mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas**. In: Revista Feminismo - UFBA. Vol.6, n.2, Mai.-Ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30292>. Acesso em: 25 jun. 2022

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.1): 193-215, jan./jun. 2012.

FORNARI, Michelle Kühn. **O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes**. Travessias, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3463/2757>. Acesso em: 16 jul.2022

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

FREITAS, Maitê. **Preta Gil fala sobre a discriminação por causa do seu corpo**. Revista Raça, 14 de out. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/preta-gil-fala-sobre-a-discriminacao-por-causa-do-seu-corpo/>. Acesso em: 15 jan. 2021

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

GREENFIELD-SANDERS, Timothy (direção). **TONI MORRISON: PARTES DE MIM**. Estados Unidos, 2019. Duração: 120 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/toni-morrison-partes-de-mim/t/NHP5SVBGbN/>. Acesso em: 31 jan.2022

HARDIE, Andrew. **CQPweb – combining power, flexibility and usability in a corpus analysis tool**. International Journal of Corpus Linguistics 17:3, 2012, pps. 380–409.

HOOKS, bell. **Eros, erotismo e o processo pedagógico**. In: LOURO, G.L. (org.). O corpo educado - pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JONES, Rodney H. **Discourse Analysis: A Resource Book for Students**. New York: Routledge, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

MACHIN, David; MAYR, Andrea. **How To Do Critical Discourse Analysis: A Multimodal Introduction**. Londres: Sage, 2012.

MAGALHÃES, Célia. **Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 35-60, 2004

MAGALHÃES, Izabel. **Teoria Crítica do Discurso e Texto**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004

MARTINS, Alexandra; MARQUES, Laura; FREITAS, Marina; DEPEXE, Sandra. **Mulheres na capa: Mudanças Editoriais na GQ Magazine Brasil**. Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 20 e 22 de junho de 2019, E [recurso eletrônico]: Fluxos comunicacionais e crise da democracia/ organizado por Fernando Ferreira de Almeida, Maria do Carmo Silva Barbosa, Mariana Corsetti Oselame, Marcelo de Barros Tavares e Geferson Barths. [realização Intercom e Uniritter] - São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0458-1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022

MELO, Glenda Cristina Valim e MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e**

homoerótico. 2020, p. 67- 91. In: BORBA, Rodrigo (org.). *Discursos Transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez, 2020

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. D.E.L.T.A vol. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?** In: Signorini, I.; Cavalcanti, M. (orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa**. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI**. In: \_\_\_\_\_ (org.), *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; Fabrício, Branca Falabella. **Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada**. *Calidoscópio* 17(4):711-723, 2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MULVEY, Laura. **Visual pleasure and narrative cinema**. In: *Screen*, Volume 16, Issue 3, Autumn 1975. Disponível em: <https://academic.oup.com/screen/article-abstract/16/3/6/1603296?redirectedFrom=fulltext&login=false>. Acesso em: 30 jan. 2022

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. *Cadernos Penesb*, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria\\_social\\_relacoes\\_sociais\\_brasil\\_contemporaneo.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf). Acesso em: 16 mar.2022

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. **A imprensa e o racismo**. In: RAMOS, Sílvia (org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

OLIVEIRA, Dandara.. **Racismo e sexismo: uma análise interseccional em revistas de grande circulação**. In: IV Colóquio Raça e Interseccionalidades, 2021, Rio de Janeiro. III Colóquio raça e interseccionalidades [livro eletrônico]: discurso, raça e interseccionalidade na contemporaneidade, 2021.

PAILEY, Robtel Neajai. **De-Centering the ‘White Gaze’ of Development**. *Development and Change*, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/dech.12550>. Acesso em: 31 jan.2022

RAMOS, Sílvia. **Introdução**. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Prefácio à edição brasileira**. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- RODRIGUEZ, Clélia O. **Como a Academia se vale da pobreza da opressão e da dor para sua masturbação intelectual**. Geledés (online), 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-academia-se-vale-da-pobreza-da-opressao-e-da-dor-para-sua-masturbacao-intelectual/#:~:text=N%C3%B3s%20devemos%20fazer%20um%20trabalho,quest%C3%B5es%2C%20escrevendo%20propostas%2C%20etc>. Acesso em: 05 abr. 2022
- ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. **Cultura e ideologia**: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & Sociedade*; 14 (2): 74-94; jul./dez.2002.
- SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. **A revista “Raça Brasil”**: uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI?. Rio de Janeiro, 2017.
- SANTOS, Raíssa Silva dos. **A Representação das Mulheres Negras na VOGUE Brasil**: um estudo de caso. Rio de Janeiro, 2017.
- SANTOS, Romer Mottinha; MORAES, Thiago Perez Bernardes de. **“Eu preciso respirar”** – George Floyd, Black Lives Matter e o enxame de buscas na web. In: ROCHA, Wesley Henrique Alves da (org.). *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios* [recurso eletrônico]. Curitiba: Editora Bagai, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/65791348/Editora\\_BAGAI\\_Racismo\\_e\\_Antirracismo\\_2\\_03\\_215.pdf](https://www.academia.edu/download/65791348/Editora_BAGAI_Racismo_e_Antirracismo_2_03_215.pdf). Acesso em: 18 jan. 2022
- SHARPLEY, Tracy Denean. **Through the White Male Gaze**: Black Venus. Rhode Island: Brown University, 1994. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/5a90da4ec300199cbaebd5e3a127d45b/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 16 mar. 2022
- VANBUSKIRK, Sarah. **What is the male gaze?**. Verywell Mind (online), 2021. Disponível em: <https://www.verywellmind.com/what-is-the-male-gaze-5118422#toc-what-is-the-male-gaze>. Acesso em: 31 jan. 2022
- ZAHRA, Tehseen; TANVIR, Omama; HUSSAINI, Khoula **A Corpus-based Critical Discourse Analysis of Racial Stereotyping in American Newspapers**. Asia Pacific Corpus Linguistics Conference (APCLC 2018), 2018.